

A DIFUSÃO DA APOCALYPSIS NOVA ATRIBUÍDA AO “BEATO” AMADEU DA SILVA NO CONTEXTO CULTURAL PORTUGUÊS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVII

I - Talvez valha a pena recordar que as correntes proféticas ou, se preferirmos, o profetismo, quase sempre de carácter escatológico, muitas vezes com marcas de apocalipsismo mais ou menos evidente, em latim e, com o rodar dos anos, em vulgar, são, como é bem sabido, um dos traços definidores da cultura europeia. Efectivamente, toda a Europa da Idade Média – muito especialmente depois da obra de Joaquim de Flora (†1202) e das suas diversas e complexas elaborações no âmbito do papel escatológico que algumas ordens religiosas (os cistercienses-florenses e, dentre os mendicantes, os franciscanos, por exemplo¹), se atribuíam, ao ponto de criar ou favorecer alguns escritos postos a circular sob a responsabilidade do abade calabrês: o *In Hieremiam*, por dar um exemplo maior –, toda a Europa dos tempos modernos, como depois assinalaremos; e ainda a Europa da época contemporânea – baste recordar para estes anos quer a tradução do *Mirabilis Liber*, um conjunto célebre de profecias medievais, ainda publicada em Paris (Librairie Catholique), em 1830, no contexto da destronização de Carlos X de França pelos Orléans² quer, em Portugal, as edições e reelaborações dos diversos «corpos» das

¹ Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford, 1969, 151 - 156; Robert MOYNIHAM, *The development of the “pseudo-Joachim” commentary “superHieremiam”: new manuscript evidence in “Parole ispirée” et pouvoir charismatique”* (*Mélanges de l’École Française de Rome, Moyen Age. Temps Modernes*, 98, 1996), 109-142; de todos os modos, Mathias KAUP na introdução à sua edição de Giochino da Fiore, *Commento a una profezia ignota*, Roma, 1999, 120 (n.º 143) afirma que a sua «analisi de entrambe le redazioni della *Expositio super Sibillis et Merlino*... finora trascurata della ricerca, non ha offerto alcun indizio riguardo alla provenienza minoritica, mentre tutto parla a favor de una origine cisterciense-florense».

² Colette BEAUNE, *De Telesphore à Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France au XIV.ème et XV.ème siècles* in *Il Profetismo Gioachimitra Quattrocento e Cinquecento. Atti del III Congresso Internazionale di Studi Gioachimiti*. (a cura di G. L. Potestà), Genova, 1991, 195-211 (205).

Trovas de Gonçalo Anes Bandarra e as respectivas polémicas em plenas lutas liberais e mesmo depois, como o atesta a exaltação, qualquer seja o seu sentido, que delas fez Fernando Pessoa – toda a Europa – talvez, melhor, as Europas? –, toda a Europa, dizíamos, recorreu, em momentos de crise ou de exaltação – o que poderá equivaler a dizer quase sempre –, à profecia como meio de intervenção religiosa..., política..., como modo de se «explicar»..., de assegurar já o seu futuro – no que também pode ir a propaganda³ – já o de muitos dos seus em particular – no que pode igualmente ir a defesa de particulares pontos de vista e /ou de interesses pessoais. É, na verdade, o que sugerem imediatamente tanto as sucessivas edições de esses e de muitos outros velhos ou menos velhos textos como as actualizações – muitas vezes, *ex eventum* – que, ao longo dos tempos, deles se foram fazendo. Baste pensar, e é apenas um exemplo mais, na fortuna da profecia *Cedrus alta Libani* através dos séculos⁴... Nada custa, portanto, a aceitar que do estudo desses textos resulte, como escreve C. Vasoli, «una migliore comprensione del significato non solo religioso, ma pure “ideologico” e “politico” di tradizioni, personalità e ambienti che hanno operato ai più diversi livelli dell’esperienza culturale del tempo»⁵, isto é, dos diversos tempos que os viram produzir e circular – em edições sucessivas e sucessivas cópias manuscritas.

Tal interesse – da criação à recepção e à difusão – é um fenómeno que envolve não só as camadas populares, mas também as elites culturais – e, daqui, como ponderou certamente R. E. Lerner «for the student of mentalities they are a fascinating and extremely valuable source»⁶ –, pois, como perguntava Cola de Rienzo a Carlos IV em 1350 «si prophete Merlini, Methodii, Policarpi, Ioachim et Cirilli aut ab immundo spiritu aut fabule forte sunt, cur pastores Ecclesie et prelati in

³ Para além das advertências, sempre judiciosas, de Bernard GUENÉE, *Histoire et culture historique dans l’Occident médiéval*, Paris, 1980, 332-336 («La propagande historique»), enquanto aponta, precisamente, que com base na profecia, «une bonne partie de la propagande a toujours, et de plus en plus, situé ses arguments dans le temps. Dans le temps à venir, d’abord...», recordemos, a título de exemplo, Cesare VASOLI, *Un caso di uso politico delle profezie: Juraj Dragisic (Gioglio Benigno Salviati) e il suo “Apologeticon” per Francesco Maria della Rovere (1511)* in *Civitas Mundi. Studi sulla cultura del Cinquecento*, Roma, 1966, 101-119; Paola GUERRINI, *Propaganda politica e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli, 1997 e, desde outra perspectiva, Massimo FIRPO, *Il sacco di Roma del 1527 tra profezia, propaganda politica e riforma religiosa* in *Dal sacco di Roma all’Inquisizione. Studi su Juan de Valdés e la riforma italiana*, Alessandria, 1998, 8-60.

⁴ Robert E. LERNER, *The powers of prophecy. The cedar of Lebanon vision from the mongol onslaught to dawn of the enlightenment*, Berkley, Los Angeles, London, 1983, muito especialmente as conclusões (183-197); com muito proveito ler-se-ão sempre as páginas de André VAUCHEZ, *Saints, prophètes et visionnaires. Le pouvoir surnaturel au Moyen Age*, Paris, 1999.

⁵ Cesare VASOLI, *A proposito delle tradizioni profetiche e millenaristiche nella storia religiosa italiana, tra la fine del Quattrocento e gli inizi del Cinquecento* in *Civitas Mundi*, ed. cit., 17 - 42 (17).

⁶ Robert E. LERNER, *The powers of prophecy...*, ed. cit., 3.

libris pulcherrimis argento munitis sic libenter inter libraria recipiunt armenta?»⁷. A estes contemporâneos de Petrarca, podemos juntar em tempos já mais «modernos», um Cristóvão Colombo⁸, cardeais como um Pietro Bembo, um Egídio de Viterbo e um Bernardino de Carvajal⁹, eruditos teólogos como um Giorgio Benigno Salviati ou um Pedro Galatino¹⁰, exemplos grandes, estes últimos, desse interesse pelos textos proféticos, não só a nível da sua recepção, mas também como uma das bases da sua obra. A outro nível, será sempre interessante recordar outros atentos leitores e grandes colecionadores de textos proféticos – na primeira metade do século XV, pelos anos em que começa decisivamente esse gosto de transcrever e colecionar¹¹, um homem de leis como o piemontês Tebaldo Civeri..., um mestre de Gramática toscano como Luca di Antonio Bernardi da S. Gimignano¹²..., mais tarde, um Pierleone de Spoleto, físico de Lourenço de Medici, associado de Marsilio Ficino¹³..., etc.. E tudo isto em tempos em que Roma – a Roma das profecias e dos

⁷ Bernard MACGIN, “Pastor Angelicus”: apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century in *Apoalypticism in the western tradition*, Variorum, 1994, VI, 221.

⁸ C. COLOMBO, *Lettere e Scritti (1495 - 1506). Libro de las profecias* (a cura di Roberto Rusconi), Roma, 1993; *Il «Libro de las profecias» di Cristoforo Colombo: retroterra culturale e consapevolezza di uno scopritore in Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Roma, 1999, 234-264; Alain MILHOU, *Colón y su mentalidad mesiánica en el ambiente franciscanista español*, Valladolid, 1983. Para um âmbito mais geral em que se insere, naturalmente, o contexto evocado nas obras anteriores, será sempre de consultar Adriano PROSPERI, *America e Apocalisse. Note sulla «conquista spirituale» del Nuovo Mondo* in *Critica Storica*, XIII (1976), 1-61 e *Attese millenaristiche e scoperta del Nuovo Mondo in Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento...*, ed. cit., 433-460.

⁹ Fabio TRONCARELLI, *Le edizioni gioachimita e l'editoria religiosa nel Cinquecento in Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e 600* (a cura di Roberto Rusconi), Roma, 1996, 67-76 (72); Marjorie REEVES, *Cardinal Egidio of Viterbo: a prophetic interpretation of History in Prophetic Rome in the high Renaissance period* (Essays ed. by M. Reeves), Oxford, 1992, 91-109; Nelson H. MINNICH, *The role of prophecy in the career of the enigmatic Bernardino López de Carvajal in Prophetic Rome...*, ed. cit., 11-120.

¹⁰ Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the later Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford, 1969, 234-238, 442-447 et passim; Cesare VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)* in *Profezia e Ragione. Studi sulla cultura del Cinquecento e del Seicento*, Napoli, 1974, 15-127 et passim; *Giorgio Benigno Salviati (Dragisic)* in *Prophetic Rome...*, ed. cit., 121-156; Roberto RUSCONI, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, ed. cit., (conf. espec.: *Circolazione di test profetici agli inizi del Cinquecento. La figura di Pietro Galatino*, 211-219).

¹¹ Roberto RUSCONI, «Ex quodam antiquissimo libello». *La tradizione manoscritta delle profezie nella Italia tardomedioevale: dalle collezioni profetiche alle prime edizione a stampa* in *The use and abuse of the Escatology in the later Middle Ages*, Leuven, 1988, 441-472 (444) e agora in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo...*, ed. cit. 161-186; *Il collezionismo profetico in Italia alla fine del Medioevo e agli inizi dell'età moderna* in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, ed. cit., 187-209.

¹² Roberto RUSCONI, «Ex quodam antiquissimo libello», ed. cit., 444-449.

¹³ Robert E. LERNER, *The profetic manuscripts of the «Renaissance magus» Pierleone of Spoleto in Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento...*, ed. cit., 97-116; Maike ROTZOLL, *Pierleone da Spoleto. Vita di un medico del Rinascimento*, Firenze, 2000..

segredos¹⁴ – se ia tomando o grande centro difusor de tais textos e de todos os prodígios¹⁵ ... E porque não havemos de recordar a constelação de profecias e intérpretes à volta de Fernando, o Católico, reproduzindo ou actualizando velhos textos de Arnaldo de Vilanova e de Jean de Roquetaillade¹⁶, e organizando, sob o insofismável signo da propaganda, cancioneiros como aquele em que Pedro Marcuello profetiza, em 1472, a conquista de Granada e, depois, de Jerusalém?¹⁷ ... E se, como concluía Gutierre Díez de Gamés, «como biene rey nuevo, luego facen Merlin nuevo»¹⁸, nada custa perceber que à volta de Carlos I de España e, depois do imperador, se tivesse organizado, tal como acontera em torno de Francisco I de França, todo um *corpus* profético de que, como mostrou M. Reeves em largos capítulos a tal assunto dedicado¹⁹, alguns dos maiores contributos foram dados nada menos que por um Guillaume Postel²⁰ ...

Ao lado destes grandes e, de qualquer modo, gente letrada, podemos encontrar, nos anos setenta do século XVI, uns pedreiros que, em Veneza, comentavam a Bíblia em confronto com as «profetie di mosaico» de S. Marcos, essas «profecias» que a tradição – mestra inesquecível destes saberes – atribuía ao próprio abade Joaquim²¹ ...

Entre nós, se preferirmos não recordar as alusões de Fernão Lopes a prognósticos e profecias (escassas, estas) que cruzam as suas crónicas²² e se não quisermos aceitar, como ecos de um trabalho semelhante, as referências à «passagem» de D. Manuel que lhe eram feitas no momo de 1500²³, nem as cartas de novas e profecias que das terras do Prestes João e da Índia chegavam ao Venturoso

¹⁴ Fabio TRONCARELLI (ed.), *La città dei segreti. Magia, astrologia e cultura esoterica a Roma (XV - XVIII)*, Milano, 1983.

¹⁵ Roberto RUSCONI, «*Ex quodam antiquissimo libello*»..., art. cit., 451.

¹⁶ Pere BOHIGAS I BALAGUER, *Profecies catalanes dels segles XIV i XV. Assaig bibliogràfic in Butlletí de la Biblioteca de Catalunya*, VI (1925); 25-49 (46-48); Allain MILHOU, *La chauve - souris, le nouveau David et le Roi caché (trois images de l'empereur des derniers temps dans le monde ibérique. XIIIe - XVIIe s.) in Mélanges de la Casa Velásquez*, XVIII (1982), 61-78 (64-66 et passim); e muito especialmente, Eulalia DURÁN i Joan REQUESENS, *Profecia i poder al Renaixement. Texts profètics catalans favorables a Fernan el Catòlic*, Valencia, 1997.

¹⁷ Pedro MARCUELLO, *Cancionero* (ed. de J. M. Blecua), Zaragoza, 1987.

¹⁸ Gutierrez DÍEZ DE GAMÉS, *El Victorial. Crónica de D. Pedro Niño, conde de Buelna* (ed. de J. de Mata Carriazo), Madrid, 1940, 68.

¹⁹ Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the later Middle Ages...*, ed. cit., 359-374.

²⁰ Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the later Middle Ages...*, ed. cit., 375-382.

²¹ Ottavia NICCOLI, «*Prophetie di mosaico*». *Figure e scritture gioachimite nella Venezia del Cinquecento in Forme e Destinazione del messaggio religioso. Aspetti della propaganda religiosa nel Cinquecento* (a cura di Antonio ROTONDÓ), Firenze, 1991, 197-227.

²² Margarida Garcez VENTURA, *O messias de Lisboa. Um estudo de mitologia política (1383 - 1415)*, Lisboa, 1992, prestou alguma atenção a esta importante questão, o que não vai sem méritos, dado que não constituía o imediato objecto da sua investigação.

²³ I. S. RÉVAH, *Manifestations théâtrales pré-vicentines: les «momos» de 1500 in Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, III (1952), 91-105.

entre 1509 e 1521, incitando-o a «rogar incessantemente a Deus lhe conceda a graça de conquistar o Santo Sepulcro»²⁴, teremos, obrigatoriamente, que lembrar não só Gonçalo Eanes Bandarra – as suas *Trovas* terão que ser vistas, antes de mais, sob esse alo exaltador de Merlin novo para rei novo, como muito bem percebeu a Inquisição²⁵ –, mas também os seus copiadotes e glosadores cristãos novos – ainda que, neste último caso, nem tudo deverá ser glosa das *Trovas*, mas, também relíquias de outras poemas proféticos do género que Bandarra também cultivou²⁶ e, seguramente, também colecionou –, e ainda o dominicano Fr. Luis de Toar (ou Tovar) que dedicou a sua *Divinam revelationem Erithreae Sibyllae cum commentariis, in qua a bello Trojano usque ad diem iudicii futura praedixit* (Siena, per Simonem, filium Nicolai Nardi, 1508) a D. Henrique de Meneses, filho do conde de Tarouca, sendo esse D. Henrique estudante nessa cidade italiana²⁷, personagem que, talvez, valesse a pena tentar, algum dia, definir melhor. E, quase nos fins do século, não podemos esquecer um Simão Gomes – outro sapateiro²⁸. Ao nível dos grandes colecionadores portugueses, haverá sempre que lembrar um Pero Roiz Soares no seu *Memorial* (1565-1628)²⁹ e, o anónimo ou anónimos quase

²⁴ Publicaram-se algumas dessas cartas em selecção de Luis Filipe Barreto, in *Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa, 1988 (conf. 26, 45-46, 50)

²⁵ Como pode ler-se no processo inquisitorial de Bandarra – agora relativamente acessível na edição comentada que dele fez João Carlos Serafim na sua dissertação de Mestrado na Faculdade de Letras do Porto: *Gonçalo Anes, o Bandarra, Sapateiro de Trancoso* (Porto, 1996) – foi aceite pelos inquisidores de que as suas trovas eram «em louvor de Deos e d'Elrey» e, de acordo com esta sua justificação – garantida, aliás, pelas suas glosas explicativas que, no seu caderno (hoje, infelizmente, desaparecido), seguiam o texto das estrofes –, foi obrigado a «declarar publicamente a sua tenção acerca das trovas que tem feito...». Condenáveis, como vemos por alguns exemplos em outros processos, eram os sentidos que a essas trovas davam os cristãos novos que as copiaram e difundiram, como muito bem acentuou João Carlos Serafim.

²⁶ Maria José Ferro TAVARES, *Características do messianismo judaico em Portugal in Revista de Estudos Orientais*, II (1991): alguns dados úteis poderão obter-se em Elias LIPINER, *O Sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal*, Rio de Janeiro, 1993.

²⁷ Nicolao ANTONIO, *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1788, 67 dá-o como «palentino», mas D. João de CASTRO, *A Aurora*, 1376r di-lo «português»; Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in later Middle Ages...*, ed. cit., 519 refere esta obra que, tal como a sua fonte - C. Alexander, *Oracula Sibyllina*, Paris, 1856 – não pôde encontrar. Como veremos, D. João de Castro de quem recebemos a primeira notícia sobre a obra, cita-a em *Aurora*. Existe um exemplar na British Library (C. 59. F. 30.)

²⁸ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um profeta de Corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «sapateiro santo» (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI - XVIII)*, Porto, 1993, 233-260.

²⁹ Como se sabe, estas nunca suficientemente ponderadas memórias, de que a única edição é a que fez M. Lopes de Almeida (Coimbra, 1953), são um extraordinário repositório de profecias e sinais, geralmente de signo político-apocalíptico, que, em muitos casos, estão para além do seu imediato e predominante contexto anti-filipino.

seus contemporâneos que juntaram a preciosa antologia da Biblioteca P. M. do Porto em que se encontra uma preciosa versão do texto do misterioso Fr. Unay ou Uray que difere das lições que conheceram Eugénio Asensio e Ramón de Alba e em cuja «originalidade» já atentou María Isabel Toro³⁰. Muito mais tarde, no meio de tanta colecção quase sempre simplificadamente catalogada sob a larga capa de «papéis sebastianistas» que guardam as bibliotecas portuguesas, lembremos aquele cónego Gaspar Moreira que, em Goa, em 1650, mandava trasladar alguns textos que hoje figuram nesse vasto *Jardim Ameno*, colecção esta que, na sua larga maioria recolhe cópias anteriores – ao parecer... – a 1635, ou alguns jesuítas, como aquele P. Henrique de Carvalho († 1740), destacado membro da Companhia, que, como se declara em nota aposta em 1741, que ofereceu esse *Jardim* ao colégio de Gouveia³¹, casa em cuja fundação teve papel relevante, e onde o manuscrito foi encontrado quando os bens da Companhia foram inventariados e sequestrados em 1759-1760³². E porque não recordar entre tais colecionadores, como é legítimo suspeitar, aquele D. Rodrigo de Meneses que se encarregava de fornecer ao P. Vieira livros e papéis «destas curiosidades»? Se os não possuía, sabia onde os encontrar, pois em 1664 descobria – lastimemos que Vieira não nos diga onde – precisamente as profecias – ou um texto relacionado com as profecias – do Beato Amadeu³³. Um

³⁰ E. ASENSIO na sua introd. a D. Gaspar de Leão, *Desengano de Perdidos* (Goa, 1573), Coimbra, 1956, 18 - 25; Ramón de ALBA, *Acerca de algunas particularidades de las comunidades de Castilla talvez relacionadas con el acaecer del milenio igualitario*, Madrid, 1975, 180 - 187; referiu a «originalidade» deste ms. Maria Isabel TORO PASCUA, *Imagen y función del Anticristo en algunos textos castellanos del siglo XV in Via Spiritus*, 6 (1999), 27 - 63 (54)

³¹ Maria de Lourdes Correia FERNANDES, *O colégio dos jesuítas de Gouveia: da criação à extinção* (no prelo) estudou, a partir de documentação dos Arquivos romanos da Companhia de Jesus, a história da fundação deste colégio, apontando o papel que nela teve o P. Henrique de Carvalho, salientando ainda, com base nos poucos elementos hoje disponíveis fornecidos pelo inventário dos bens sequestrados em 1759, algumas das linhas de orientação que podem detectar-se na biblioteca do colégio, constituída, em palavras do inventariador, por «mil e seiscentos e quarenta tomos entre livros de folha quarto e oitavo velhos e desencadernados». (Agradeço à Prof^a Maria de Lourdes C. Fernandes a gentileza com que me permitiu utilizar o original desta sua preciosa investigação).

³² Uma descrição sumária destes dados referentes ao hoje Cod. 774 do ANTT (Lisboa) pode ver-se em José Seabra da SILVA, *Colecção das provas que foram citadas na parte primeira e segunda da "Dedução Chronologica e Analytica..."*, Lisboa, 1768, 82 - 85; José Alberto VEIGA, *Fonction et signification sociologique du messianisme sébastianiste dans la société portugaise*, Paris, Université de Paris III - Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes (s. d.). (Ed. policopiada, 6 vols.).

³³ António VIEIRA, S.J., *Cartas* (ed. de J. Lúcio de Azevedo), II, Lisboa, 1971, 26: «Ao presente - escrevia, de Coimbra, Vieira a D. Rodrigo de Meneses em 14.1.664 - me eram mui necessárias as profecias do Beato Amadeu e a relação de um livro que dizem tem fechado na mão com uma inscrição notável acerca do tempo em que se há-de abrir. Também tenho notícia de um expositor do Apocalipse, chamado Serafino de Razis, que não posso descobrir por esta parte, e estimaria muito que V. S^a.

dos colecionadores que lhos poderia fornecer era, pelos vistos, um esparteiro das portas da Mouraria³⁴. E porque não colher a ocasião para chamar a atenção, ainda que não possamos assinalar o seu preciso lugar nesta história, para o notável ms. (nº 834) das *Prophetias Telesphori*, isto é, do célebre *Libellus* de Telesforo de Cosenza que, em bela cópia dos fins da primeira metade de Quinhentos³⁵, encadernado com a profecia pseudo-brigitina (*Ave Iesu figliol di Maria / che per tutti pendisti nella croce... //... che dismembrati serranno ad uno ad uno / firox che la lingua e uno occhio per uno*), se conserva na Biblioteca Municipal do Porto³⁶ ?

Depois de tudo, nada deve custar aceitar que o estudo do profetismo tenha de constituir um elemento importante, se não mesmo imprescindível, para compreender a história – da religiosa à política – desses largos séculos europeus, como advertiu C. Vasoli e particulariza Roberto Rusconi quando escreve que «gli anni del papato di Paolo III Farnese (1534-1549) corrisposero a una vigorosa ripresa di aspettative di riforma in chiave esoterica e profetica»³⁷. E, naturalmente, muito do interesse – e dos interesses – pelo *Apocalipse* joanino entre Quinhentos e Seiscentos – e ainda depois – brota, nas suas interpretações e polémicas, destas mesmas expectativas qualquer que seja o lado da fonteira de cristandade donde parta³⁸.

encomendasse a alguma pessoa curiosa que fizesse diligência por ele. E com aviso do que há, darei ordem a que me possa vir com toda a segurança». E em 3.3. desse ano escrevia o pregador ao mesmo correspondente: «As justificações do livro do Beato Amadeu estimei grandemente ver, pela variedade e incerteza com que nele falam os autores, e o melhor que têm é estarem desimpedidas daquele seco, onde as coisas deste género costumam encastrar na nossa terra», id., 38 - 39.

³⁴ António VIEIRA, *Cartas*, ed. cit., II, 39: «As de S. Frei Gil tomara também de ver, me lembra que as tinha um esparteiro das portas da Mouraria, em um de quatro livros destas curiosidades, que le emprestou agora faz vinte anos ao Padre João de Vasconcelos, quando compunha o livro da Restauração de Portugal, que imprimiu com o nome do Dr. Gregorio de Almeida».

³⁵ Agradeço penhoradamente ao meu Colega e amigo Prof. Doutor José Marques a generosidade que, uma vez mais, teve para me ajudar a datar este importante ms. para o qual já chamou a atenção João Carlos SERAFIM, na sua recensão a Paola GUERRINI, *Propaganda politica e profezie figurate nel tardo Medioevo*, Napoli, 1997 in *Via Spiritus*, 6 (1999), 269 - 271.

³⁶ No ms. da B.P.M.P. a profecia não tem qualquer atribuição, mas, depois de ter passado por obra de Tommasuccio da Foligno, parece ser hoje considerado um texto falsamente atribuído a Santa Brígida de Suécia. Sobre o assunto, Antonio MESSINI, *Profetismo e profezie ritmiche italiane d'ispirazione gioachimito-francescane nei secoli XIII, XIV e XV*, Roma, 1939, 54 - 56; Ottavia NICCOLI, *Profezie in Piazza. Note sul profetismo popolare nell'Italia del primo Cinquecento* in *Quaderni Storici*, 41 (1979), 500 - 539 e Roberto RUSCONI, *L'attesa della fine. Crisi della società, profezia ed Apocalisse in Italia al tempo del grande scismad'Occidente (1378 - 1417)*, Roma, 1979, 158 - 162 (onde se apresenta parcialmente o texto) e, do mesmo autor, «*Ex quodam antiquissimo libello*...», ed. cit., 163, 166, 178 *et passim*. O texto da Biblioteca Municipal do Porto apresenta 47 estrofes.

³⁷ Roberto RUSCONI, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo...*, ed. cit., 220.

³⁸ Como resulta de *Storia e figure dell'Apocalisse fra' Cinquecento e 'Seicento* (a cura di Roberto Rusconi), Roma, 1996.

As notas que se seguem não pretendem mais do que sugerir quanto seria interessante tentar ver, de forma sistemática, como, nas condições particulares do Portugal dos fins de Quinhentos e da primeira metade do século seguinte, se poderá ter prolongado, para o dizer com o título de uma obra dedicada ao assunto³⁹, «o uso e o abuso» do profetismo, pois, como dissemos, parece-nos, talvez por ignorância, um campo de investigação a que os estudos de cultura portuguesa, à parte algumas interpretações, um tanto violentas, de textos do *Cancioneiro Geral*, não têm prestado a atenção que merece. As razões desta desatenção dever-se-ão, provavelmente, à obsessão de tudo olhar pelo ângulo – insofismável, é certo – do sebastianismo e dos cristãos novos e, mais tarde pelos prismas das variantes do «Quinto império» em que também se empenhou António Vieira... E neste contexto, esquecemos, por exemplo, uma figura como esse primeiro marquês de Niza que, à volta de 1649, continuava a procurar para a sua biblioteca as obras de Jean Roquetaillade⁴⁰... Chegou a possuí-las? Que outros textos proféticos terá reunido? De qualquer modo, é neste contexto de interesses proféticos que teremos que inserir, para além da oportunidade política do momento, a sua – porque a pagou – edição das *Trovas de Bandarra* (Nantes, 1644)⁴¹, a primeira edição autónoma desse texto.

II - Naturalmente, não é a estas questões que tentaremos imediatamente responder, pois procuraremos, muito mais simplesmente, esboçar, em algumas breves notas, a presença, em Portugal e em autores portugueses, na primeira metade de Seiscentos, de um texto profético de grande difusão no séculos XVI e XVII como mostram os estudos de Anna Morisi, C. Vasoli, M. Reeves, R. Rusconi, etc.. Referimo-nos, naturalmente, à *Apocalypsis Nova*, atribuída ao «Beato» Amadeu da Silva, o franciscano português João da Silva Meneses († 1482)⁴² em que o arcanjo Gabriel expõe, durante oito êxtases (*raptus*) do fundador dos amadeítas, questões de alta teologia – criação dos anjos, do mundo e do homem..., os nomes dos sete anjos maiores..., a sua inferioridade em relação à Mãe de Deus..., as questões da

³⁹ AA.VV., *The use and abuse of eschatology in the Middle Ages*, Leuven, 1988.

⁴⁰ Em 4.5.1648, D. Vicente Nogueira, esse eruditíssimo Referendário Apostólico que vivia em Roma e aí foi como que um agente bibliográfico e bibliófilo do marquês de Niza, escrevia-lhe fazendo-se eco do seu pedido: «As profecias do Rocaelsa não me lembra de haver visto; as de Merlym si manuscriptas em Castella que vem a ser quasi o nosso Bandarra» e em 11.1.1649, perante a insistência do embaixador português, escrevia-lhe desenganando-o: «Prophecias de Roque celsa não vi, nem ouvi nomear senão a V. S.» in *Cartas de D. Vicente Nogueira* (publicadas e anotadas por... A. J. Lopes da Silva, Coimbra, 1929), 52 e 92 respectiv.

⁴¹ J. Lúcio de AZEVEDO, *A evolução do sebastianismo*, Lisboa, 1947, 76.

⁴² A. D. de Sousa COSTA, *Studio critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeu de Silva nel quarto centenario morte*, Roma, 1985 aclarou, por fim, a história genealógica de João da Silva Meneses.

predestinação e da liberdade..., o pecado original..., a concepção imaculada de Maria..., a anunciação do anjo à Virgem..., a sua ciência..., a sua assunção..., etc., etc. –, questões devocionais e litúrgicas – a festa da Imaculada, por exemplo – e aprofunda – completando ou corrigindo interpretações que deles se foram dando, tal como o fará nos sermões que se seguem a estes oito êxtases, alguns pontos da Revelação apenas enunciados no texto evangélico⁴³. Tais revelações são destinadas não propriamente a Amadeu, mas ao futuro e sempre prometido *Pastor novus* que, já aparecido, mas ainda não conhecido – uma situação paralela à de D. Sebastião entre 1598-1603 –, há-de iniciar, com o apoio de um *Rex magnus*, a reforma final da Igreja e, intimamente relacionada com esta, sustentar e proclamar essas questões teológicas e litúrgicas guardadas na *Apocalypsis Nova*. É, como poderá supor-se, uma obra complexa e de marcada influência scotista⁴⁴, que, tal como foi divulgada, nos começos do século XVI, não pertencerá ao «Beato» Amadeu da Silva⁴⁵, mas em que as esperanças de renovação teológica e de reforma vão de par com os anseios da unidade final, essa unidade sempre consagrada na forma de *unum ovile et unus pastor*. Não vale a pena repetir aqui nem o pouco que se sabe sobre a biografia – a lendária e a verdadeira – de Fr. Amadeu nem o que se tem apurado acerca das circunstâncias da «abertura» da *Apocalypsis Nova*, à volta de 1502, muito provavelmente num círculo romano a que presidia o ambicioso cardeal Bernardino de Carvajal e a que pertenciam um Pedro Galatino e um Giorgio Benigno Salviati⁴⁶... Todos eles, cada um por seu turno, se quiseram ver profetizados nas páginas que esse novo *Apocalipse* dedica ao futuro *Pastor novus*⁴⁷, quer dizer, a esse «Papa Angélico» que, desde o século XIV – pelo menos –, vinha obcecando

⁴³ Anna MORISI, "Apocalypis Nova". *Ricerche sull'origine e la formazione del testo dello pseudo-Amadeo*, Roma, 1970, 47 - 83.

⁴⁴ Anna MORISI, "Apocalypis Nova". *Ricerche...*, ed. cit., 56, 58, 64 *et passim*; para questões concorrentes relacionadas com a mesma orientação teológica implicada na reelaboração da *Apocalypsis Nova*, veja-se C. VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)* in *Profezia e ragione*, ed. cit., 26 - 106 e *Un commento scotista a un soneto del Magnifico: l'«Opus septem Questionum» di Giorgio Benigno Salviati* in *Filosofia e religione nella cultura del Rinascimento*, ed. cit., 139 - 182..

⁴⁵ Anna MORISI, "Apocalypis Nova"..., ed. cit., 28 - 46; C. VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)* in *Profezia e ragione*, ed. cit., 98 - 99.

⁴⁶ Anna MORISI, "Apocalypis Nova"..., ed. cit., 27 -36; C. VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic)* in *Profezia e ragione*, ed. cit. 98 - 99; Roberto RUSCONI, "Ex quodam antiquissimo libello». *La tradizione manoscritta delle profezie nella Italia tardo-medioevale...* in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, ed. cit., 177 parecem inclinar-se para que um bom candidato a autor desta «finta Apocalissi» seja precisamente Fr. Giorgio Benigno Slaviati.

⁴⁷ Roberto RUSCONI, *Un Papa angelico prima del sacco di Roma* in *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, ed. cit., 265 - 294.

a Europa religiosa que clamava por reformas⁴⁸... A *Apocalypsis Nova* desde a sua «abertura» não deixou de circular por toda a Europa e uma dessas cópias, trazida para Espanha (depois de 1528) por Fr. Francisco de los Angeles Quiñones, Ministro geral da Observância franciscana e futuro cardeal, de quem Pedro Galatino foi capelão⁴⁹, chegou mesmo a cruzar o Atlântico, ser copiada no México e regressar a Espanha. Um curioso itinerário atestado por S. Pedro de Alcântara em documento escrito durante a sua estadia em Portugal (Azeitão, 21.2.1543)⁵⁰ ... Felizmente, os dois aproveitamentos desse livro a que nos referiremos – a sua utilização política por D. João de Castro em *A Aurora*, em 1604-1605, com os olhos postos em D. Sebastião, num D. Sebastião já «aparecido e sempre benvindo» – porém, ainda não reconhecido –, e a pequena antologia da *Apocalypsis Nova*, seguida de tradução, em torno de algumas das questões teológicas que são o verdadeiro cerne do livro, organizada por um anónimo, possivelmente antes de 1635 – podem representar bem duas modalidades dos vários aproveitamentos que se foram fazendo dessa obra ao longo do século XVI e XVII, sem que, por isso, deixemos de registar a circulação de algumas profecias que, com mais ou menos pertinência, para ela também remetem e que, tal como ela, gozaram de uma certa ressonância europeia.

Terá, porém, algum interesse lembrar, que, se sabemos, como brevemente já aludimos, de um dos meios por que terá chegado a Espanha uma cópia da *Apocalypsis Nova*⁵¹, nada parece saber-se sobre a sua entrada em Portugal. De

⁴⁸ Bernard MCGINN, "Pastor Angelicus": apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century in *Apocalypticism in the Western tradition*, ed. cit., VI, 221 - 251.

⁴⁹ Cesare VASOLI, Giorgio Benigno Salviati, Pietro Galatino e la edizione di Ortona (1518) del "Arcanis catholicae Veritatis" in *Filosofia e religione...*, ed. cit., 182 - 209 (187 - 188).

⁵⁰ Arcangel BARRADO MANZANO, O.F.M., *S. Pedro de Alcântara. Estudio documentado y crítico de su vida*, Madrid, 1965, 185 - 186 publica essa certidão assinada por Fr. Pedro de Alcântara. Será possível localizar essa preciosa cópia?

⁵¹ Manuel de CASTRO, *Manuscritos franciscanos en la Biblioteca Nacional de Madrid*, Madrid, 1973, assinala (págs. 333 e 468) duas cópias da *Apocalypsis Nova* nessa biblioteca, ambas do século XVII – ms. 6540 (incompleto, pois apenas contém os cinco primeiros raptos) e ms. 11248. Refere ainda (pág. 334) o ms. H.III. 1, de letra dos fins do século XV, da Biblioteca de El Escorial que chegamos a pensar poder ser o exemplar que pertenceu a D. Diego Hurtado de Mendoza, que deu entrada nessa biblioteca em 1576. Havemos, porém, que confessar que do exame desse precioso e completo exemplar não resulta qualquer indicação ou sugestão da sua procedência. Terá, contudo, algum interesse apontar que o exemplar, cuja a primitiva encadernação foi restaurada a seda verde que lhe forra as respectivas guardas, possui algumas particularidades curiosas para a sua história e para a história de recepção do seu texto. O volume possui dois fols. apensos ao rosto com 19 proposições numeradas e remetendo para o fl. em que se encontram, a que se segue a seguinte nota que curiosamente está no 1º fl. actual:

«Estas y otras muchas proposiciones huelen mas a delirios rabinicos que a revelaciones divinas; mas a questiones impertinentes e inutilis de Escuela, que a doctrina catolica; y es la calificacion mas benigna que se les puede dar; por cuya razon mando y ordeno que este libro intitulado *Apocalypsis S.*

todos os modos, em 1546 – três anos depois das notícias que dera Fr. Pedro de Alcântara –, Gaspar Barreiros, que, mais tarde (1562), professou, com o nome de Fr. Francisco da Madre de Deus, no romano convento de Ara Coeli onde também esteve Guillaume Postel, na sua *Corographia* – só, porém, publicada em 1561 (Coimbra) – conhecia bem não só a biografia do Beato Amadeu, mas também os avatares do texto da *Apocalypsis Nova* e as suspeições que o envolviam⁵². Desde este ponto de vista, não deixa de ser interessante registar que, em 1549, na célebre carta escrita em nome de Inácio de Loyola, o P. Juan Polanco, ao pôr de sobreaviso a Francisco de Borja para com as ilusões acerca do «Papa Angélico», tenha recorrido a exemplos de portugueses – jesuitas, como parece deixa transparecer a redação da carta, ainda que algum exemplo pudesse igualmente provir da área dos capuchinhos – que tinham partido de Portugal para Roma na esperança de virem a ser identificados com esse papa⁵³ ... Se escrevesse um pouco mais tarde, talvez Inácio viesse a recordar aquele clérigo de que fala Juan de Orozco y Covarrubias que, em Espanha, à volta

Amadei, se recoja y no se enseñe ni franque como hasta ahora por reliquia, ni aun como obra de merito, porque ninguno le advierto. Mayo 5 1815. // Cifuentes. Prior. // Pongase entre los M.m. SS. de la Bibliotheca.»

Segue-se o rosto desenhado em pergaminho numa cartela a toda a página que tem ao centro um círculo com o título – *Apocalypsis sancti Amadei / propria manu / scripta*. Este rosto, como sugere o clacíssimo do desenho da cartela, parece ser mais recente, talvez contemporâneo da encadernação ou do seu restauro. Contém os 8 Raptos (fl. 1 - 177r) e 10 sermões (fl. 177r - 246v) + 1 declaração final (fl. 247r).

De início, apresenta algumas apostilhas marginais da mesma letra do texto; depois tem muitas notas de letra diferente, mas talvez ainda do século XVI, muitas delas cortadas pela encadernação ou pelo restauro.

Curiosamente, entre as fls. 28r - 29r (início do 4º *Raptus*) contém, apensa, uma fl., numerada mais tarde a lápiz com o nº 28bis, e da mesma letra das notas marginais mais tardias e de outras da fl. 247v. onde, interpretando as alusões histórico-políticas do texto do começo desse 4º *Raptus*, se lançaram as identificações dos diferentes papas aludidos nessas passagens, elas próprias transcritas - *Senese* (?), *Julio*, *Leonem*, *Adriano*, *Clemente*..., o que poderá ajudar a datar o leitor e autor dessas notas. O mesmo leitor, anotou à margem dos mesmos lugares (fl. 28r - 28v) – *Pastor Rome*..., *Senex*..., *Sixto*..., *Inocentio*..., *Alixandro papa*.... No fl. 225r – *Sermo nonus* – cita o abade Joaquim – *ut albus Joachī* - erro de cópia que vem trucidado e corrigido : *abbas*.

⁵² Gaspar BARREIROS, *Corographia de alguns lugares que estam em hum caminho que fez... o anno de MDXXXVI começando em a cidade de Badajoz em Castella tē a cidade de Milam em Italia*, Coimbra, João Alvares, 1561 (aliás, Coimbra, 1968), 245v - 247v : «o livro das suas profecias anda adulterado, com muitas cousas frívolas que n'elle foram interpostas por pessoas induzidas pelo Demonio e por humanos interesses», testemunho muito importante em razão da sua data.

⁵³ Ignacio de LOYOLA, *Obras completas*, Madrid, 1963, 726. É, efectivamente, possível que também entre os capuchinhos tivesse aparecido algum português candidato a «papa angélico» se for esse o sentido da notícia que dá Bernardino da Colpetrazzo sobre um Pietro Portoghese que a tal pretendia, como assinala Mariano D'ALATRI, *Uomini di Dio al seguito di Francesco*, Roma, 1995, 99.

de 1588, também acreditou que haveria de ser papa transfigurado em Cristo⁵⁴. Estes casos «exemplares» – semelhantes, tanto quanto é possível conhecê-los por estas sumárias alusões, aos vários casos de candidatos a «papas angélicos» que foram aparecendo em Itália⁵⁵ – não têm necessariamente que depender da leitura da obra atribuída ao Beato Amadeu – muitas outras e velhas profecias o prometiam⁵⁶ –, mas, tudo somado – datas e figuras –, terá que ser considerada, como bem provável, a hipótese de que dependam da leitura ou conhecimento da *Apocalypsis Nova*, «uno dei maggiori veicoli cinquecenteschi della diffusione di quel mito». Se em 1554, o trinitário Fr. Nicolau Coelho do Amaral, autor de umas «dissentiones in sacris annis», isto é, a sua *Chronologia Temporum*, podia ainda não conhecer a *Apocalypsis Nova* embora se revele um bom conhecedor do *De arcana divinae veritatis* (Ortona, Per H. Suncinum, 1518) de Pedro Galatino, teólogo que será um grande colecionador e leitor dos «Dei servorum vaticinia» e, muito especialmente, *pro domo sua* muitas vezes, da obra do Beato Amadeu, em 1563, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, ao visitar, no regresso de Trento, o túmulo de Fr. Amadeu em Santa Maria della Pace em Milão, já estaria informado dessa vida em que, como diz Fr. Luis de Sousa, «é bem de ver e notar o caminho por onde o levou Deus a ser santo»⁵⁷. Em 1570, o grande cronista franciscano, Fr. Marcos de Lisboa, na sua *Tercera parte de las Chronicas de la orden de los frayles menores* (Salamanca, Alexandro de Canova, 1570), mostra-se, naturalmente, um bom conhecedor da biografia do fundador dos amadeítas, embora, apesar de ter recorrido a Fr. Mariano de Florença, pouco junte ao que Gaspar Barreiros tinha já apurado⁵⁸... Mas o que é interessante notar é que as suas conclusões passaram, quase literalmente, para uma

⁵⁴ Julio CARO BAROJA, *Las formas complejas de la vida religiosa (Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII)*, Madrid, 1978, 38.

⁵⁵ Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages...*, ed. cit., 438; G. TOGNETTI, *Note sul profetismo nel rinascimento e la letteratura relativa in Ricerche sull'influenza della profezia nel basso medioevo* (B.I.S.I.M e A. M., 82, 1970), 142 - 143, com algumas precisões sobre algum dado oferecido por M. Reeves; Marjorie REEVES, *Roma Profetica in La Citta dei segreti...*, ed. cit. 285 - 286; C. VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati in Profezia e Ragione...*, ed. cit., 90, 95 et passim; C. VASOLI, *Due documenti per la storia religiosa di Firenze dopo il Savonarola (1500 - 1517) in Imagine umanistiche*, Napoli, 1983, 299,300; Roberto RUSCONI, *Un Papa angelico prima del sacco di Roma in Profezia e profeti alla fine del Medioevo...*, ed. cit., 264 - 294.

⁵⁶ Bernard MCGINN, "Pastor Angelicus": *apocalyptic myth and political hope in the fourteenth century in Apocalypticism in the Western tradition*, ed. cit, VI, 221 - 251.

⁵⁷ Fr. Luis de SOUSA, O.P., *Vida de Dom Fr. Bertolameu dos Martyres* (Viana, Nicolau de Carvalho, 1619), II, 21 (conf. *A Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires*, ed. de Anibal Pinto de Castro e G. Chaves de Melo, Lisboa, 1984, 289).

⁵⁸ Marcos de LISBOA, *Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores*, 30, 178v - 179r, segundo a edição de Lisboa, 1615.

colecção de anedotas, histórias galantes e memórias biográficas da corte quinhentista portuguesa interessada nos antigos «amores» do franciscano português. Com efeito, o seu autor ao registar, como conclusão desse esboço biográfico, que Amadeu da Silva compôs «hum livro de revelações e profecias sobre o estado da Igreja romana e do Papa angelico e mudança do Reino e senhorios...»⁵⁹, apenas traduz, com significativa variante, o que escrevera Fr. Marcos... E a que se refeririam, em 1581, os inquisidores portugueses ao proibir «*Raptus* seu *Revelationes* Amedei quacumque lingua»?⁶⁰ Ao texto integral de *Apocalypsis Nova* também conhecida por *Raptus* ou *Revelationes*?⁶¹. É possível, e, neste caso, conheceram um manuscrito assim intitulado e não *Apocalypsis Nova*... Tê-la-iam julgado impressa? – o que não aconteceu até hoje, a não ser em alguns extractos traduzidos e publicados não autonomamente por Paolo Angelo (1524)⁶² e em alguns autores marianologistas do século XVII⁶³. Ou, com base em informações indirectas – como poderia sugerir o modo restrictivo e não completamente esclarecedor de dar o título da obra – e supondo que dela corriam ou pudessem vir a correr traduções – os inquisidores, através de uma condenação «de largo espectro», apenas procuraram impedir a leitura de uma obra que, no contexto político de Portugal nos começos da monarquia dual ibérica, lhes parecia – ou suspeitavam – perigosa, tal como lhes pareciam, agora, perigosas – por razões diversas das de 1541 – as proféticas *Trovas* de Bandarra, que condenavam no mesmo *Index*?⁶⁴. Aliás, parece ser esta condenação da

⁵⁹ ANEDOTAS portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. *Istórias e ditos galantes que sucederam e se disseram no paço* (ed. de Christopher Lund), Coimbra, 1980, LXV, 109. Talvez valla a pena atentar que F. Marcos escreveu «mudança de Reinos e senhorios...», enquanto o anónimo autor, por distração ou intencionalmente, escreveu «mudança do Reino e senhorios...», variante interessante que poderia, a seu modo, confirmar a credibilidade profética do Beato Amadeu...

⁶⁰ CATALOGO dos livros que se prohibem..., Lisboa, António Ribeiro, 1581 in *Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI* (Apresentação, estudo Introdutório e reprodução fac-similada por Artur Moreira de Sá, Lisboa, 1983, 590.

⁶¹ Anna MORISI, “*Apocalypsis Nova*”. *Ricerche...*, ed. cit., 6, n.º. 13.

⁶² Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the latter Middle Ages...*, ed. cit., 292, 294, 295.

⁶³ Fr. Pedro de ALVA Y ASTORGA, *Bibliotheca Virginalis. Maria mare magnum*, Madrid, I, Ex. Tipographia Regia, 1648 que publica quase todo o texto dos 4.º, 5.º e 8.º *Raptus*. Conf ainda Anna MORISI, “*Apocalypsis Nova*” *Ricerche...*, ed. cit., 10, n. 22.

⁶⁴ Como se sabe, os inquisidores em 1541, à raiz do processo de Gonçalo Eanes Bandarra, mandaram recolher as cópias das *Trovas*, mas nos índices inquisitoriais de 1547, 1551, 1561 e 1564 não se encontra qualquer referência a essas *Trovas*, o que, parece, faz avultar que as duas condenações de 1581 teriam sido ditadas – profilaticamente – pelo novo contexto político que começara precisamente em 1580-1581.

Apocalypsis Nova uma «condenação original» do *Index* português⁶⁵. Mais tarde, na primeira metade do século XVII, Jorge Cardoso, no seu magno *Agiolégio Lusitano*, parece revelar-se um bom conhecedor da obra, citando correctamente a *Apocalypsis Nova* em lugares precisos a propósito da questão das três Marias. Pena que não refira nada sobre «outros sublimes negócios» – a expressão é sua – revelados pelo arcanjo Gabriel ao beato⁶⁶. Não nos interessam aqui as notícias, mais ou menos repetitivas que os cronistas franciscanos do século XVII e XVIII vão dando, muitas vezes nada mais apurando que o que traz *Amadeo de Portugal...*, a clássica biografia de Jerónimo Mascarenhas (Madrid, D. Diaz de la Carrera, 1665). E se, depois de tudo, não temos notícia de ms. da *Apocalypsis Nova* existentes actualmente em Portugal – e que deverão ter corrido como parecem provar, pelo menos, as aludidas referências de Jorge Cardoso –, podemos, porém, assinalar a circulação de duas profecias igualmente atribuídas ao beato português. Uma delas, cuja cópia mais antiga que conhecemos se encontra nesse inesgotável *Jardim Ameno*, anterior, portanto, a 1635, é também a mais interessante, ainda que, talvez, a não mais importante sob o ponto de vista da circulação europeia: *Prophecias de sancto Amadeo que estão na Livraria do Escorial (Sic erit inspire...)*. Trata-se de um texto, ainda que breve, muito interessante, já que está completamente construído por citações directamente tomadas da *Apocalypsis Nova* e, como tal, facilmente localisáveis. A outra, que apenas conhecemos em cópia dos fins do século XVIII, pertence a uma ampla colecção de profecias que conserva a B. P. M. do Porto (Cod. 359). Conjugando algumas datas e referências cronológicas conservadas pelo colecionador é possível saber que muitos desses textos proféticos lhe foram comunicados, a partir de outras cópias mais antigas, desde o convento de Mafra. Há documentos referidos a 1620. De qualquer modo, a cópia da profecia em causa (*Prophecia de Santo Amadeu, ... extrata ex fine libri Apocalypsis beati Amadei. Hic liber inventus est Mediolani apud socium eius. Ascito igitur; homo Dei...*) representa uma tradição que remonta ao século XVI⁶⁷ e, tal como a anterior, versa, de modo mais completo, ainda que não tão literalmente fiel ao texto da *Apocalypsis Nova*, pois é uma sua elaboração, as transformações políticas europeias reveladas a Amadeu de Portugal que virão a dar-se no tempo do «Pastor Angélico»⁶⁸.

⁶⁵ Assim vem anotada em J. M. BUJANDA, *Index de l'Inquisition portugaise. 1547, 1551, 1564, 1581 in Index des livres interdits*, IV, Centre d'Études de la Renaissance, 1995, 459.

⁶⁶ Jorge CARDOSO, *Agiolégio Lusitano dos sanctos e varões illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas...*, II, Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1657, 492.

⁶⁷ Anna MORISI, "Apocalypsis Nova" *Ricerche...*, ed. cit., 25, n. 50.

⁶⁸ V. Apêndice deste ensaio.

III - O maior e o mais sério leitor português – ainda que não em Portugal – da obra atribuída ao Beato Amadeu foi D. João de Castro, esse neto homónimo do célebre vice-rei da Índia, que, frente a Filipe II e a Filipe III, determinado partidário de D. António, Prior do Crato, até cerca de 1587 e depois seu severo crítico, é quase exclusivamente conhecido pelo seu *Discurso do sempre Bem vindo et apparecido rey D. Sebastiam* (Paris, 1602) e pela sua *Paraphrase a algũas Trovas de Bandarra* (Paris, 1603), obras que lhe valeram, com algum acerto, o título de «S. Paulo da religião sebastianista»⁶⁹. Não podemos ocuparmos aqui da biografia desse grande coleccionador, leitor e comentador de textos proféticos, pois a sua vida ainda continua à espera da investigação que urgentemente merece e que nos ilumine, para além do pouco que ele nos deixa entrever, esses muitos anos que viveu em Paris frequentando bibliotecas e copiando textos para justificar e solidificar as suas certezas nos destinos providenciais reservados a Portugal. Assinalemos apenas que ainda o vemos a escrever em 1628 e, como sempre, a actualizar algumas das suas obras. Destas, dentre as inéditas, destaquemos o seu magno e inteligente comentário do *Apocalipse* (1612)⁷⁰ em que revela um excelente domínio do sistema expositivo de Joaquim de Flora, e, porque nos interessam aqui muito especialmente, os cinco livros de *A Aurora da Quinta Monarquia que há de ter a christandade na conquista universal do mundo*⁷¹, vastíssimo repertório e comentário – um tanto repetitivo, é certo – de textos proféticos de cerca de 1500 fls. que compôs, em Paris, entre 1604 e 1605⁷², que acrescentará de algum capítulo «muito depois»⁷³, que copiará novamente, em data imprecisa, aproveitando, então, o ensejo para inserir mais alguns

⁶⁹ J. Lúcio de Azevedo, *A evolução do sebastianismo*, Lisboa, 1947 (2ª), 32.

⁷⁰ João de CASTRO, *Algumas exposições, mais completas e com outras declaraçoens sobre o Apocalypse*, B. N. L., Cod. 4378 (vol. VIII das sua obras).

⁷¹ João de CASTRO, *A Aurora da Quinta Monarchia, que há de ter a Christandade na Conquista Universal do mundo, de que ham de ser as principaes Cabeças Quatro Reys, sendo hũ d'elles El Rey Dom Sebastiam, coroado por Emperador; com outros muytos Principes e Potentados futuros Conquistadores. Repartida em çinco livros segundo os diversos propositos* (B.N. L., Cod. 4373 - 4374 - 4375). Todas as nossas referências ao texto provêm deste autografo, que citaremos sempre por *A Aurora*..., seguido da n.ção do respectivo fl.

⁷² João de CASTRO, *A Aurora*..., 4v - 5r: «Hoje sete de Outubro de Mil seis çentos e quatro nesta çidade de Paris, dou a primeira penada neste Tratado da Aurora, anuncio do sol que nunca tarda apos ella...»; id., 1441v: «hoje vinte e oito de Abril de mil e seis çentos e çinco em que acabei de compoe este livro na çidade de Paris», mas, como verificaremos, desde 1587 se dedicava com afinco à recolha e comentário de textos proféticos.

⁷³ João de CASTRO, *A Aurora*..., 1204r: «Porque muyto depois de termos feyto a Aurora; ajuntamos a este capitulo trinta e oito o que escreve Gaspar Barreyros sobre o Beato Amadeu...».

comentários a profecias que entretanto conhecera⁷⁴ e em que, em 1623, ainda corrigirá uma interpretação sua de uma profecia sobre o rei de Inglaterra⁷⁵.

Como já se terá percebido, D. Joaõ de Castro, em Paris, reuniu, traduziu e comentou em *A Aurora* um conjunto de profecias que confirmavam e ampliavam as suas certezas sobre o rei D. Sebastião vivo e aparecido – e subsidiariamente sobre outros reis e reinos (Espanha, Florença, França, Inglaterra principalmente) afim de as reduzir e aplicar a Portugal – e, ao mesmo tempo, sobre o «Papa Angélico» que, em colaboração e sob a protecção do futuro imperador, que seria esse rei português, havia de levar a cabo a reformação final da Igreja e, concomitantemente, com paz ou com guerra («conquista»), a conversão «universal» de judeus e gentios. As suas fontes proféticas e históricas estendem-se, obviamente, desde Joaquim de Flora de que conhece muitas das obras - das autênticas e das apócrifas⁷⁶ –, sempre, tanto quanto foi possível controlá-lo, precisamente citadas, até à *Apocalypsis Nova*, passando pelo Pseudo-Metódio que cita pela edição de W. Aytinger, isto é, o *Tractatus de revelatione beati Methodi* (Bâle, 1498)⁷⁷, os *Vaticinia de Summis Pontificibus* – de que conhece mais do que uma lição –, o *Liber de Flore...*, o *Liber Horoscopis de revelatione Summorum Pontificum* do misterioso Dandalus Ylerdensis⁷⁸ ..., a *Descrittione di tutta l'Italia*⁷⁹ de Fr. Leando Alberti, O.P., a *Raccolta di cinque*

⁷⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1383r: «Depois de ter escrito em limpo este volume da Aurora: achei noutras copras impressas dos Oraculos da Sibyla Erithraca, mais algũas palavras das que çitei atras, que sam de piquena consequencia...».

⁷⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 541r: «Agora em seis çentos vinte e tres me retrato, e confesso que he a profecia del Rey de Inglaterra entendida...».

⁷⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 877r - 877v: «Quem quiser ver no Abbade diffusamente tratadas, preditas, e interpretadas as tribulaçõens da Igreja Grega e Romana: os pecados da Christandade: os vicios dos Ecclesiasticos, por amor dos quaes ella, e elles foram, e ham de ser flagellados: a diversidade, e graveza dos açoutes, que tiveram todos, assi como lhe foy profetizado: lea todo o seu livro de Oneribus que compos sobre Isaias [*De oneribus prophetarum?*]: Nam lhe fique palavra do que escreveo sobre Hieremias. Veja o seu Commento sobre o Apocalypse: e muytos lugares do seu volume de Concordia e finalmente hum pequeno tratado de Oneribus, que elle fez aa instancia do Emperador Henrique sexto [*Prophetia... de tribus statibus Ecclesiae?*]: o qual eu nam vi impresso senam de mam: e ainda assi a trancos»; 946v - 947r: «em o seu livro de Flore...»; 885v - 886r: «O Abbade Joachim na espistola ao heremita Cyrillo sobre o comento do Oráculo...»

⁷⁷ João de CASTRO, *A Aurora*, 502r: «Pegando outra vez no fio do capitulo: Diz Aytinger acima citado no mesmo commento sobre as revelaçoens de Sam Methodio que anda em Authenticas escrituras a profecia seguinte...». Conf. Marjorie REEVES, *The influence of the prophecy in the Later Middle Ages*, ed. cit., 339.

⁷⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1200r: «Dandalo, no seu livro intitulado De Horoscopis, de revelatione Summorum Pontificum, diz assi deste desejado Pastor: *Ecce praehonoratio...*». Marjorie REEVES, *The influence of prophecy in the Later Middle Ages*, ed. cit., 194.

⁷⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1403r: «Diz Frey Leando Alberto na sua Italia allegando com Leobardo Aretino: Que Florença se começou a chamar Fluencia ou Fluentina...». Não foi, porém, possível

discorsi intitolati corone per comprender le cose appartenenti à gran rè (Padova, 1577) de Fr. Stefano Lusignano⁸⁰, o *De eversione Europae* de Antonio Torquato de Ferrara⁸¹..., a *Prognosticatio* de J. Liechtenberger⁸²..., os já aludidos comentários de Fr. Luis de Tovar à Sibila Eritrea..., o *Libellus* de Telesforo de Cosenza⁸³, as revelações de Ruperto e de Santa Hildegarda editadas por Jacques Lefèvre d'Étaples no precisamente citado *Trium virorum et trium spiritualium virginum* (Paris, 1513)⁸⁴, as profecias de S. Severo, Merlim Britânico, Nostradamus⁸⁵, uma profecia em gravura⁸⁶, uma outra em português que lhe

determinar se D. João de Castro se refere à *Descrittione de tutta l'Italia* (eds. de Bologna, A. Giacarelli 1550; Veneza, G. M. Bonelli, 1553; Veneza, D. de' Farri, 1557) ou à *Descrittione di tutta Italia. Aggiuntavi la descrittione di tutte l'isole* (eds. de Veneza, L. degli Avanzi], 1561; Veneza, L. degli Avanzi, 1568; Veneza, G. B. Porta, 1581; Veneza, A. Salicato, 1588).

⁸⁰ João de CASTRO, *A Aurora*..., 349v: «tudo isto atras dito, he do segundo livro das Coroas de Frey Estevam de Lusinhã, religioso da Ordem de Sam Domingos...». Conf. ainda, id. 352r;

⁸¹ João de Castro, *A Aurora*..., 311v - 312r: «Torcato in Eversione Europae, que compos no anno de mil e quatro centos e oitenta diz [...]» Com o qual nam allego em quanto Mathematico, nem em quanto se quis mostrar Judiciario na sua Eversam da Europa: mas em quanto refere nella a substancia de muytas profecias; ususpandoas todavia como juizos seus aa conta de constelaçoens».

⁸² D. João de CASTRO, *A Aurora*..., 358v - 359r: «Sobre isto mesmo diz assi Licethenberger: Mas apos ti (fallando com Mathias Rey de Hungria) se ergura outro mayor flagello [...] Joam Licethenberger foy Astrologo Judiciario o qual lançou hum juizo sobre aquella grande conjunçam de Saturno e Jupiter, que houve no anno de mil quatro çentos e oitenta e quatro; e sobre o eclipse do Sol no anno seguinte...».

⁸³ D. João de CASTRO, *A Aurora*..., 946v - 947r: «Segundo o trattato de Theolosforo abreviado por Fr. Rusticano, e ordenado por depois por Mestre Frey Silvestre Mançio[Meuci] de Castiglione...» de que, depois, precisa ter consultado a edição impressa «no anno de Mil quinhentos e dezasseis», o que obviamente remete para a edição veneziana do *Mirabilis Liber*.

⁸⁴ D. João de CASTRO, *A Aurora*..., 1147v - 1148r: «Isto he do santo varam Frey Roberto, escrito em Latim, no livro impresso que se intitula: "Trium Virorum, et trium spiritualium Virginum"....» (com. 1301r).

⁸⁵ João de CASTRO, *A Aurora*..., 361v - 362r: «Outro [astrólogo] ouve em França, chamado Nostradamus, muy famoso Judiciario: cujo nome ainda hoje he myuto reputado. Este fez em Rima francesa chamada quateins, como he a nossa Redondilha, huns certos juizos de varias cousas: a que chamou profecias, e centurias [...] As quacs sam mmuyto geraes, e tem muytos discipulos: crendo nellas algüs conforme ao nome de profecias; e outros como em juizos astronomicos, infalliveis. Ao qual Nostradamus não se pode negar a gloria da astrologia judiciaria, em que floreceo, mas nam se lhe deve por nenhum modo o nome de profeta...»; id., 134r: «Confesso que Nostradamus, como homem que tinha innumeraveis profecias dos santos, que se conservaram ca por estas partes; se serviu de muytas, e as emxeriu nos seus versos de mistura com seus prognosticos, sem dar nenhum Author dellas, mais que a si mesmo. E assi se acharam algüas cousas nas suas Centurias, que na verdade o seram: nam por serem suas, mas do servo de Deos, por quem elle profetizou...».

⁸⁶ João de CASTRO, *A Aurora*..., 434v: «Vay em dez annos que me mostram húa profecia em pintura, estampada em Italia avia annos: sem nunca depois eu a poder recobrar. As figuras que tinha, de que me lembro, são as seguintes. Estava o mesmo homem nu, com o mesmo semblante desaventurado, assentado sobre húa pedra alta e do çeo saya hum braço com arco e setas e húa letra em que se mandava

deram em Paris em 1587⁸⁷ e de que cita e comenta alguma estrofe⁸⁸ e, naturalmente, as *Trovas* «graciosas» – escritas, em «louvor de Deos e d'el-Rey» – , à volta dos anos 30 de Quinhentos – de Gomes Anes Bandarra, mas só parcialmente impressas em lição organizada e comentada pelo próprio autor de *A Aurora* em 1603. Poderíamos ainda referir uma série de obras à volta do Turco , entre elas os célebres *Gl'Annali Turcheschi, ovvero Vite de' principi della casa Othomana* (Venetia, I. Sansovino, 1571) de Francesco Sansovino⁸⁹ e *I cinque libri della legge, religione, et vita de' Turchi* (Veneza [V. Valgrisi] Florença [L. Torrentino], 1548) de Giovanni Antonio Menavino⁹⁰. Curiosamente, ele que tudo cita e traduz com precisão – muitas vezes, indicando as datas das edições que utiliza e as origens e o estado das cópias que conhece desses textos –, que cita abundantemente e comenta com elegancia, a profecia do abade Cirilo, apesar de achar o primeiro e segundo capítulos «tam intrincados e escuros»⁹¹, nunca refere o comentário de Jean de Roquetaillade a este último texto⁹²... E se o nobre português nos indica, muitas vezes, onde e quando encontrou e copiou os textos proféticos que vai comentando – a biblioteca do convento de S. Victor de Paris, por exemplo, onde copiou uma

ao nu, que matasse quatro genero de animaes, que estavam em baixo na terra: os quaes eram, se bem me lembro, rans, e gafanhotos, e outras duas especies. A qual pintura, e a de Anselmo [bispo, a 16ª referida nos *Vaticinia de Summis Pontificibus* (Veneza, 1598), por P. Regisclmo, segundo J. de Castro] nam há que duvidar, senam que significam o mesmo acontecimento Del Rey: senam quando a de Italia profetiza mais, como he a ventura, poder, e autoridade dada do çeo contra todos os inimigos de Deos: entendidos por aquelles quatro generos de animaes immundos».

⁸⁷ É uma data a reter na actividade de colecionador de D. João de Castro, pois, como facilmente se verifica, é um ano em que ou por oferta ou por investigação pessoal (encontro, cópia) parece iniciar-se a sua coleção. Aliás, a mesma data vem referida na sua *Paraphrase a algũas Trovas* do Bandarra (1603) em relação a esse texto profético.

⁸⁸ João de CASTRO, *A Aurora*..., 1201v - 1203r. «No veram de oitenta e sete me deram em Paris hũas profeçias na nõssa lingoa, às quaes quem quer que foy, traduzido do proprio original em Trova portuguesa...».

⁸⁹ João de CASTRO, *A Aurora*..., 337r - 337v: «Fechemos este capitulo com hum oraculo dos mesmos mahometanos contra elles mesmos. O qual anda registado por muytos Authores em seus livros como se podera ver em Francisco Sansovino na Historia dos Turcos, e no setimo livro de seu Secretario...».

⁹⁰ João de CASTRO, *A Aurora*..., 344v: «No segundo livro, que Menavino Genovez fez dos costumes dos Turcos, diz o seguinte...».

⁹¹ João de CASTRO, *A Aurora*..., 778v - 779r. Naturalmente cita o *Oraculum Cyrilli cum expositione Abbatis Joachim* de que dá a noticia seguinte: «O livro e o commento, avera oitenta ou noventa annos, que foram a primeira vez impressos: nenhum dos quaes volumes pude eu nunca aver. Somente me vieram aas mãos os exemplares escritos de pena, com os erros e corruçam que as taes cousas de mam costuma Ter, por culpa dos escrivaens».

⁹² Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Études sur Jean de Roquetaillade (de Rupescissa)* in *Histoire Littéraire de France*, XLI, Paris, 1981, 106 - 120; André VAUCHEZ, *Saints, prophètes et visionnaires*..., ed. cit., 141 - 148 fornece uma bela síntese sobre J. de Roquetaillade.

profecia que lhe parece ser do abade Joaquim⁹³..., possivelmente pelas mesmas datas (1587) em que lá encontrou outra em «hum livro escrito de mam... o qual tinham os religiosos tirado da livraria e metido com outros em lugar secreto», que versa sobre a destruição de Castela⁹⁴..., ou a biblioteca da abadia de Cluny onde copiou «outros vaticínios que nam vi[u] em nenhum original, senam somente num,[...] e foram impressos a vera quasi cem annos»⁹⁵ ou ainda a livraria do collegio da Sorbonne onde copiou outra profecia de «hum livro de mam»⁹⁶ – ou de quem recebeu a cópia de qualquer texto – as de Fr. Pedro Palude, por exemplo também, foram-lhe enviadas de Nantes por Fr. Estevão Sampaio, seu companheiro (e bem trágico) na defesa desse rei aparecido em Veneza (1598)⁹⁷ –, é muito provável, porém, como parecem indicar algumas datas dos textos citados e comentados – será, contudo, necessário esclarecê-lo –, que muitos deste textos os tenha conhecido quer no famoso *Mirabilis Liber* (Veneza, 1522) quer no não menos célebre *Livre merueilleux* (1565) – daqui, por exemplo, poderá ter copiado uma parte importante da profecia do «abade de Cambrais»⁹⁸ – quer mesmo em *Le Trésor des prophéties de l'univers* (Paris, 1565) de G. Postel, autor que também nunca refere, embora nessa sua obra possa ter lido a profecia de S. Severo que tantas vezes utiliza. E quando andou por Veneza em 1598-1599 teve tempo, por entre polémicas e temores, para admirar e estudar as profecias «joaquimitas» em mosaico que adornam S.

⁹³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 988v: «O que se segue tirei de hum vaticínio que achei na livraria de sam Victor de Paris: o qual, segundo conjeituras, parece que he do Abbade Joachim. Nelle estam estas palavras: Entam sera adulterada a Esposa et tera dous Esposos...».

⁹⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1330v: «A profecia seguinte tirei no anno de Mil e Quinhentos e oitenta e sete, ou oito, de hum livro de mam de sam Victor de Paris, o qual tinham os religiosos tirado da livraria, e metido em hum lugar secreto...». Sobre a importancia da biblioteca de S. Victor de Paris para estas coleções de profecias, Roberto RUSCONI, *Les collections prophétiques en Italie à la fin du Moyen Âge et aux débuts des temps modernes* in *Les textes prophétiques et la prophétie en Occident...*, ed. cit., 481 - 511 (504 - 505), agora em *Profezia e profeti alla fine del Medioevo...*, ed. cit., 187 - 209.

⁹⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1030v, referindo-se a uma coleção de vaticínios dos papas, escreve: «Os quaes nam vi em nenhum original, senam somente num, que foy treladado da da biblioteca da Abbadia Cluniacense, em França, e foram impressos a vera quasi cem annos...».

⁹⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1339v: «O que se segue tirei em Paris de hum livro de mam, do Collegio de Sorbona, que começa: Qui me interrogat in Abela, aut Arbela. Et caetera...».

⁹⁷ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1308r: «No veram de Mil e quinhentos e oitenta e sete, estando eu em Paris, me madou de Nantes o Padre Frey Estevam de Sampaio... a prophecia seguinte...». Miguel DANTAS, *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire de Portugal*, Paris, 1866, 405 permite verificar que o próprio Fr. Estevão Sampaio, dominicano, deverá ter sido um bom leitor de literatura profética a julgar pelas declarações no seu processo em 1603 em que confessa ter-se deixado guiar, nas suas esperanças e acção sebastianistas pelas profecias de Santo Isidoro, Bandarra, Sibila, e de Nostradamus.

⁹⁸ Colette BEAUNE, *De Telesphore à Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France aux XIV.ème et XV.ème siècles* in *Il profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento*, ed. cit., 200, 209 - 210.

Marcos, interpretando-as em função desse rei aparecido precisamente na Sereníssima⁹⁹... E, há que ressaltá-lo, «tudo por amor do Reino e da sua restauração»¹⁰⁰. E se de todos estes textos, os de Joaquim ocupam um largo primeiro plano, os da obra atribuída ao Beato Amadeu são fundamentais ao largo dos últimos dois livros (4º e 5º) de *A Aurora*, o que não quer dizer que a *Apocalypsis Nova* não venha aproveitada, um tanto subsidiariamente, é certo, nos três primeiros. Também é certo, como veremos, que, apesar de sempre dela ter buscado uma cópia, só muito tarde logrou ler esta obra e, ao parecer, quando a já *A Aurora* estava planeada e, muito provavelmente, em adiantado estado de redacção, segundo poderá depreender-se de notas suas indicando alterações à ordem dos capítulos em virtude da recentíssima leitura da obra atribuída a Amadeu e de notícias biográficas que sobre ele, entretanto, apurou¹⁰¹. Talvez isto possa ajudar a explicar esse uso subsidiário da *Apocalypsis Nova* nos primeiros dois livros de *A Aurora* em contraste com a sua utilização fundamental nos três últimos a que já assinalámos.

Ele próprio confessa: «Eu nam os [*Raptos* de Amadeu] podendo nunca aver, nem cousa algũa delles, acertei por hũa grande ventura nam imaginada, de os começar a ver no fim do anno de mil seiscentos e quatro, acabando de os ler todos

⁹⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 426r: «Qinze delles [*Vaticínios dos summos Pontífices*] atribuem todos ao Veneravel Abbade Joachim, que floreceo há mais de quatro çentos annos: os quaes nam pode ninguem negar serem seus, pois algũas figuras delles, deixou o mesmo Abbade pintadas no templo de Sam Marcos de Veneza, como inda hoje estam; as quaes eu vi»; id., 230v - 232r: «O veneravel Abbade Joachim deixou na igreja de Sam Marcos de Veneza, muytas profeçias em figuras, que elle mandou pintar pellas paredes, arcs e teyto da abobada. Também mandou fazer outras de marcheteria de pedra no lageamento do templo, as quaes por causa dos pes nam há poder dellas divisar nem enxergar bem. Na face de fora da dita Igreja deixou algũas esculpidas em pedra. As quaes todas se a Illustrissima Senhoria mandara fielmente debuxar e estampar em livros nam fora piquena gloria de Deos, autoridade da sua Igreja e consolaçam dos Fieis. Que se o deixar de fazer por reccar o amargoz de algũas? Sam muyto mais sem conta as outras que isso adoçam, e que lhe prometem allem de sua imaginaçam. Nas de fora ha hũa notavel, e quanto pode ser, ao vivo destes quatro Principes [os quatro reis que se hão-de unir para a Conquista Universal] a qual esta na tal parte e da maneira seguinte. Quando da praça de de Sam Marcos se entra pera dentro dos paços pella porta e arco pegados ao templo: ficam aa mam esquerda da hombraira do mesmo portal e arco, quasi dous ou tres palmos alevantados do cham: quatro imagens de vulto, feytas de porfiro, ou jaspe vermelho de cor escura, que seram, pouco mais ou menos, da estatura de hum homem: lavrados nua so pedra, em que estam todas quatro pegadas [...] Corre hũa fabula pello vulgo sobre isto, dizendo que sam figuras de quatro mercatores...»; id., 441v: «Tudo isto querem significar aquellas duas profeçias de Sam Marcos de Veneza, que mandou lavrar em marmore o veneravel Abbade Joachim. As quaes sam Del Rey Nosso Senhor...».

¹⁰⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1384v.

¹⁰¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1204r, por exemplo, em que esclarece a alteração da ordem do capítulo 38 em virtude de, entretanto, ter conhecido o que traz Gaspar Barreiros na sua *Chorographia* sobre o Beato Amadeu, ou a redacção do cap. 11 que foi escrito depois do indice da obra, já, portanto, depois de esta redigida, esclarecimento que agradeço ao meu colega João Carlos Serafim.

em Fevereiro seguinte»¹⁰². E se sempre lastimarmos que não tenha dito onde os encontrou, sabemos não só que, embora a sua cópia fosse «cheia de erros por defeito dos escrivaens», «o original donde os ouve, segundo o que conjeituro, parece ser muyto antigo e dos primeiros que em pureza se espalharam...»¹⁰³ – e, por alguma indicação que dá e por algumas variantes do texto que cita quase podemos garantir que o seu juízo está correcto¹⁰⁴ –, mas também sabemos que percebeu muito bem o alcance teológico da obra, pois anotou que «nos ditos *Raptus*, e sermões estão profundísimos secretos da nossa Fe, desejadísimos da Christandade, mas te o presente socrestados e em deposito. Há tambem nelles a clareza de muytos passos escuros da Sagrada Escritura, a resolução de sotilísimas questoens de Theologia e algũa nova e admiravel philosophia. Isto tudo he dito em cifra, e nada em comparaçam do que he. Nelle se fala do Papa Angélico [...] algũas cem vezes¹⁰⁵, pello menos, nũas fazendose de passagem mençam delle, e noutras muy particular, com grandes louvores e particularidades. Mas em todas ellas o autoriza Deos summamente pera aquilo em que se quer servir delle. Nam que seja nomeado por Papa Angelico, senam pelo Pastor Futuro e pelo Pastor Eleyto, a quem algũas prophecias e Authores chamam o Papa Angélico»¹⁰⁶.

O encontro da *Apocalypsis Nova* – no seu manuscrito, como em outros, este titulo deveria vir antecedido por outro de *Raptus*¹⁰⁷ –, levou-o, seguramente, a procurar completar as indicações biográficas do Beato Amadeu que já recolhera da *Chronica da Ordem de S. Francisco*¹⁰⁸, isto é, da obra de Fr. Marcos de Lisboa que

¹⁰² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1212v.

¹⁰³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1212v.

¹⁰⁴ A fiarmo-nos nas extensas citações do texto do *Raptus* 4º da *Apocalypsis Nova* que faz D. João de Castro, o seu ms. continha, em primeiro lugar, a passagem «*Veniet post illum bos cornupeta et taurus novus, Simon Magus, qui constituet...*» e em segundo lugar («logo mais abaixo») a passagem «*Dabit Deus Simoni Mago benedictionem Esau, suo vero electo Pastori...*» (*A Aurora*, 1017r - 1017v), o que, de acordo com Anna MORISI, «*Apocalypsis Nova*». *Ricerche...*, ed. cit., 7, nº 15, corresponde à ordem do *Cod. Vat. Lat. 3825* que representará a família dos ms. mais antigos e que a própria investigadora utiliza.

¹⁰⁵ Lucas WADDING, *Annales Minorum*, XIV, Ad Aquas Claras, 1933, 371, não parece tê-las contado, mas pensava que o tema era tratado «cum taedio et nausea legentium».

¹⁰⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1214r - 1214v.

¹⁰⁷ Anna MORISI, «*Apocalypsis Nova*». *Ricerche...*, ed. cit., 6, nº. 13.

¹⁰⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1204v: «De cuja vida, posfo que trabalhamos o possivel por saber muyto, pera gloria de Deos, louvor de seu servo, e resplandor da naçam Portuguesa: nam merecemos alcançar que muito pouco, ou nada. Todavia poremos aqui a informaçam delle, assi como foy tirada e a ouvemos da *Chronica da-Ordem...*». Cópia o cap. 30 da *Terceira Parte da Crónica da Ordem dos Frades Menores de S. Frãncisco* de Fr. Marcos de Lisboa.

¹⁰⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1211v - 1212r: «Isto da Terçeira parte da *Chronica* em italiano dos Frades de Sam Francisco».

conhecia em tradução italiana¹⁰⁹. E deve ter sido com muita satisfação, matizada de afeição nacionalista, que encontrou e copiou¹¹⁰, muito mais tarde, as páginas que Gaspar Barreiros, «varam douto, curioso, e de merecimentos», dedicou à vida do confessor de Sisto IV¹¹¹, papa de quem fala, como certamente viu, o texto, ainda que depois fosse alterado¹¹². Do que aproveita da *Apocalypsis Nova* só nos interessa aqui o que diz respeito à personagem e acção desse «Pastor Futurus», esse «Bem Eleito» que, obviamente, D. João de Castro, como o «Abade de Cambraisis»¹¹³, não deixa de relacionar, sempre que possível, com o «Bem vindo», isto é, com esse *rex magnus* futuro, assim chamado «pollos grandes bens que Deos há de por elle fazer a todo o mundo» e que para o fidalgo português será, naturalmente, D. Sebastião¹¹⁴. E se, como se sabe, não era a primeira vez que abordava o assunto desses dois poderes dos *dies novissima*, era a primeira vez, como pode concluir-se do exposto, que directamente se apoiava em a *Apocalypsis Nova*.

João de Castro, tendo verificado que as revelações feitas a Amadeu não só «concordam em summa consonância com todas» as anteriores¹¹⁵, mas também revelam a plenitude do seu cumprimento¹¹⁶ – muito especialmente as de Joaquim de Flora, o *Liber de Flore*, Cirilo e Telesforo¹¹⁷ –, que também profetizavam desse papa, dedicou, sem nunca abandonar o norte de Joaquim, especial atenção a destacar e a comentar, sem guardar «o estilo das escollas na meudeza das couzas»¹¹⁸, o que

¹¹⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, fl.s posteriormente acrescentadas, com numeração própria (1r-8v), à fl. 1211v.

¹¹¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1208v: «Isto do rapto do Beato Amadeo: no qual indo fallando o Santo Anjo do Summo Pontífice Sisto Quarto que entam governava a Igreja de Deos...». Conf. id., 1235r.

¹¹² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1213v: «Contudo se nas alegaçoes delles[Raptos] se acharem cousas impostas, que nam estam no seu original, emendemas por elle, imputandoas aa corruçam, e maldade dos Impostores»; id., 1250v: «Mas [...] advertimos a todos, que se algum Danado falsificou os Raptos, tirando delles algúas cousas, e impondo outras...».

¹¹³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1114r - 1114v. Colette BEAUNE, *De Telesphore à Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France au XIV^{ème} et XV^{ème} siècle in Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento...*, ed. cit., 210.

¹¹⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1114r: «Do referido [na profecia do Abade de Cambraisis] clarissimamente vem, como o bem vindo, he El Rey Dom Sebastião e como há de tomar posse do seu...».

¹¹⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1232v.

¹¹⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1279v: «Nam avera ninguem que tenha visto os Raptos do beato Amadeu, que nam de tudo isto, se os crer por perfeitissimamente comprido no Papa Angelico, por quem Deos determina revelar e descobrir occultissimos segredos da sua sacrosanta Escritura».

¹¹⁷ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1150r - 1152v; 1155r - 1162r; 1177v.

¹¹⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1300r.

ao «nosso português» foi revelado acerca desse sobre todos «manso, benigno e humilde» papa¹¹⁹ – os adjectivos pertencem ao 8º *Raptus* de Amadeu –, que é um dos maiores mitos da cristandade. Os «nossos tempos» – a expressão é de D. João de Castro¹²⁰ – são «os tempos últimos» - o comentador oscila entre os iminentemente últimos e os últimos num futuro de algumas gerações contadas pelos papas (3)¹²¹, sucessores do Angélico e vários imperadores (39) que hão-de suceder a esse «rex magnus»¹²² – mas que, naturalmente, ele ainda espera ver¹²³ – e, por isso, são os tempos das apocalípticas «bodas do Cordeiro», expressão que, comentando o texto amadeíta¹²⁴, entende como literalmente referida ao «Papa Angélico» e, espiritualmente, a Cristo. São os novos tempos, esses em que os homens se deleitarão com os bens da alma, obedecerão aos mandamentos, seguirão o ensino que lhes for ministrado pelos pastores¹²⁵, etc.... Eleito, perseguido, introduzido pelo imperador na cadeira de Pedro¹²⁶, o «Pastor novus», segundo Amadeu (8º *Raptus*), como um

¹¹⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1356r.

¹²⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1243r - 1243v: «os nossos tempos, em que ham de começar taes bemaventuranças, que pollos Felices: tam felices somos, os que nelles caymos, so o quizermos ser, e nos soubermos aproveitar»; id., «pello presente contentar me hei com so o propheta Zacharias, pois profetizou da restauraçam do Templo de Hierusalem: figura da gloriosa restauraçam espiritual e temporal da Igreja Romana nestes nossos felicissimos dias...»; id., 1283r: «Porque este Anjo, num dos sentidos literaes representa perfeitissimamente o Papa Angelico, e os mysterios do seu tempo, e successivos, em que os veremos cumprir com os nossos olhos»; 1358r: «O qual tempo não he outro que o presente, em que se hade manifestar este Grande Pastor».

¹²¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 877v - 878r: «Podera tambem ver o livro de Teolosphoro de Cusencia: que posto nam tivesse espirito de profeçia, recolheo muytas, e varias num volume, que falam ate o grande Scisma, e tempo desejado do Papa Angelico e dos tres seus successores...»; 1158r - 1158v: «Onde se ve clarissimamente [no terceiro cap. do *Oraculum Cyrilli*] o que temos dito, e o mysterioso Quaternario dos gloriosissimos Pontifices. De modo que nam pode ninguem negar, inda que nam alcance o mysterio, os dous Augustissimos Quaternarios de Papas e Reys, concorrentes no tempo felicissimo. Ao dos Santos Pontifices quadram muitas cousas da Sagrada Escritura: como muyto melhor que eu as veram muuytos outros»*

* (ao lado): «Posto que digo que ham de suceder immediatamente ao Papa Angelico tres santissimos pontifices: estou muy suspenso no derradeiro por causa de hũa duvida nam piquena em que ate agora nam estou resolutu. Porque por hũa parte parece que o quarto pontifice deve immediatamente suceder ao terceiro e por outra que o não deve aver senão depois e já no comprimento dos tempos da vinda do Antchristo».

¹²² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1312v - 1313r: «Do qual Rey, exemplo de fortuna e felicidade, h: ham de descender trinta e nove Reys, seus successores no Estado, enchendo o numero de quarenta com elle». Conf. id., 1325v - 1326r.

¹²³ Efectivamente, este «Rex magnus» será contemporâneo, protector e colaborador do Pastor Angélico.

¹²⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1301r - 1302v, comentando passagens do 3º e 6º *Raptus*.

¹²⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1302v - 1303v, comentário a uma passagem do 8º *Raptus*.

¹²⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1307r - 1307v: «Como quer que o Papa Angelico há de ser lançado da Cadeira Pontifical [...] há de ser restaurado na sua dignidade por el - Rey Dom Sebastião...».

novo David, fará renovar a fê cristã¹²⁷, uma renovação que, como sublinha o texto que vai comentando, abrangerá todos os aspectos da vida cristã, desde a teologia ao direito canônico, desde as devoções à liturgia¹²⁸. E, assim, a «nova Jerusalém» será a mesma Roma que, como declara Amadeu no mesmo 8º *Raptus*, renovando-se, presidirá a todo o mundo¹²⁹, tema que, por entre polémicas, assentava muito bem em tempos contra-reformistas. Estes novos tempos serão, assim, tempos de bemaventuranças e felicidades. Felicidades, em primeiro lugar, espirituais, concretizadas nessas sempre esperadas e adiadas *reformatio* e *renovatio* da Igreja e, logo, do mundo. Pela *reformatio*, para além do mais, se purgará a Igreja de toda a superfluidade temporal «não lhe deixando que o necessario»¹³⁰ ..., reformar-se-ão e reduzir-se-ão em número as ordens religiosas¹³¹, como declara Cirilo e confirma Amadeu no «último sermão» e, conseqüentemente, «se [tornarão] a renovar a primitiva clerezia, multiplicaram em milhares de milhares em toda a fermosura de virtudes os bem abençoos tribus das religiões, tomarseam a ver as admiraveis flores sem conto das angelicas virgens, a limpeza matrimonial affermoseara a Igreja, e restaurara as gloriosas cadeiras que deixaram vazias os ruins anjos, as honestissimas e continentissimas viuvras seram os labores da gloria, por que debuzaram as donzellas de sua descendencia, sangue, liança e noticia...»¹³² – e pela *renovatio* – expor-se-ão abertamente, como foi revelado a Amadeu (4º, 5º, 6º, 8º *Raptus*), os *magnalia Dei*¹³³. Tal *renovatio* e tal *reformatio*, impulsadas, declaradas e esclarecidas pelo «Pastor Futurus», atravessam o texto da *Apocalypsis Nova* e D. João de Castro vai,

¹²⁷ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1303r - 1304r, continuando a citação do 8º *Raptus*.

¹²⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1221v - 1225v e 1339v - 1240r em que cita largamente passagens do 3º, 7º e 8º *Raptus*.

¹²⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1303r, segundo citação do 8º *Raptus*.

¹³⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, 897v. «Avirtiremos sobre o presente, que a restricam dos bens temporaes dos Ecclesiasticos, allem de se profetizar em muytos lugares de Cirillo; ha tambem della muytas outras profecias de tanta authoridade. E o Papa Angelico, e seus proximos sucessores privaram a Igreja de toda a superfluidade temporal, nam lhe deixando que o necessario»; e transcrevendo uma larga passagem do 3º *Raptus* de Amadeu, id., 1224r: «Tera mais cuidado das almas, e dos negocios espirituacs, que dos temporaes. Nem entendera em riquezas, senam quanto for necessario para a Igreja, e pera os orfãos, viuvras e outros pobres»

¹³¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1248r: «O pouco que resta poremos em outro lugar: ficando em lembrança neste, como a Religiam de Sam Francisco, e outras, divididas em diversas Regras, se ham de abolir, ou reduzir aa primeira em que foram fundadas», conclusão que faz derivar da sua interpretação do «fim do ultimo sermam» do Beato Amadeu de que transcreve uma extensa passagem em que se lê: «E assi com ha quatro Evangelistas, assi tambem haverá quatro Regras de viver, nem se instituiram mais. E se forem instituidas? He necessario que naquelle tempo sejam desfeytas, e extinguidas: ou militarã e viviram sob a Regra de Basilio ou de Agostinho ou de bento, ou de Francisco».

¹³² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1297v - 1299r.

¹³³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1229r - 1229v, 1236v, 1303v.

abundantemente, transcrevendo, traduzindo e comentando. Em segundo lugar, felicidades temporais, estendidas e consagradas em todo o mundo por essa «conquista universal» - um tema insistente em todas as obras de João de Castro - que, coadjuvado por três reis «tam grandes quaes pode ser», há-de levar a cabo o futuro imperador¹³⁴. Não nos interessem aqui os avatares dessa «conquista universal» - contra o Turco, antes de mais¹³⁵ -, mas apontemos que será uma das condições para essa evangelização universal dos últimos dias em que o «Papa Angélico» se empenhará, pessoalmente, «em muy remotas partes»¹³⁶ - um tema a que Telesforo de Cosenza terá dado a forma definitiva ao fazê-la depender da acção do «sanctus Papa»¹³⁷ - com o auxílio dos «novos evangelizadores desses divinos misterios», isto é, de «os altissimos misterios manifestados e declarados pelo Papa Angelico»¹³⁸ que poderá ser, segundo alguns, um francês, segundo outros, um italiano. E, embora não encontre fundamento para estas opiniões, D. João de Castro sempre vai perguntando «se sera o Angelico algum desses santissimos Padres, e inclytos Heroes que Deos tem guardados como em tesouro no Paraiso Terreal (pois sam mais que Elias, e Enoch) para acodir ao mundo com reparaçam e renovaçam nos mais desconfiados dos tempos»¹³⁹. Então, depois que «a vinha da Igreja [estenda] te os fins da terra e multidad de ilhas, suas fecundissimas varas, tam carregadas que

¹³⁴ Ao seu número e identificação dedica João de Castro os capítulos 11 e 12 do Livro I de *A Aurora* - embora, naturalmente, o tema volte a surgir inúmeras vezes -, defendendo, por entre «muytas duvidas» que os tres poderão ser «o Preste Joam que de çerto, segundo profeçias, fara entam maravilhas nas partes de sua Conquista, do mar Roxo, e Orientaes. Tambem me parece que nam se podera lançar do numero hum Estado tam potente como a senhoria de Veneza: que he hum dos pricipaes, e mais rendosos Terços pera a Conquista. Pois que seraa se chamarmos aa conta esse grande poderio de Alemnha?» (*A Aurora*, 224v - 224r.)

¹³⁵ Jean DENEY, *Les pseudo-prophéties concernant les turcs au XVI siècle* in *Revue des Études Islamiques*, II (1936), 201 - 220; Kenneth M. SETTON, *Western hostility to Islam and prophecies of turkish doom*, Philadelphia, 1992.

¹³⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1096r.

¹³⁷ A. VOLPATO, *La predicazione penitenziale-apocalittica nell'attività di due predicatori del 1473* in *Bulletino del Istituto Storico Italiano per il Medioevo e Archivio Muratoriano*, 82 (1970), 113 - 128 (126 - 127).

¹³⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1288r - 1288v.

¹³⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1095v - 1096v, uma velha sugestão que poderia arrancar do «Predicator Veritatis» de Joaquim e que, também aproveitado por Ubertino da CASALE em *Arbor Vitae Crucifixae* (V, 9), se viu consagrado no *Libellus* de Telesforo de Cosenza. Não deixa de ser curioso que voltemos a encontrar o mesmo tema pregado por Francisco de MENDONÇA, SJ., no seu sermão sobre S. João Evangelista (*Segunda parte dos sermões...*, Lisboa, Mathias Rodrigues, 1632, 123 - 124). Naturalmente, não cabe esperar que o jesuíta Francisco de Mendonça pregasse a identificação possível do Evangelista com o Papa Angélico, mas cabe assinalar o alargamento que D. João de Castro propõe do número dos eleitos do Paraíso terreal...

nam caberam os santos na terra... »¹⁴⁰, haverá apenas um rebanho e um pastor, começando, evidentemente, pela «uniam perpetua» das Igrejas ocidental e oriental¹⁴¹, como também se confirma na *Apocalypis Nova* (8º *Raptus*). Se «desta nova fermosura da Igreja, esposa do Cordeiro, e dessa felicíssima idade» – tempo em que, como garante Amadeu no 6º *Raptus*, «se exultará com alegria inenarravel»¹⁴² – há «grandes revelações» de Santa Catarina de Sena, Santa Hildegardis, Santa Brígida, de Fr. Ruperto¹⁴³ – de que leu muitas na já referida obra de J. Lefèvre d'Étaples –, também o Beato Amadeu lhe permite ver «com os olhos do Espírito tanta, e tal felicidade no dia que já chega, que me parece, já em sua comparação, fea, e pouquidade, a incrível prosperidade temporal, que juntamente com ella, há de correr a par»¹⁴⁴.

Mas, como ficou aludido, estas felicidades – permita-se-nos reiterar que para João de Castro «o dia que já chega» são «os nossos felicissimos dias»¹⁴⁵, o que parece indica a sua aceitação da iminência de todos estes acontecimentos –, serão precedidas de violências e discórdia que João de Castro define, muitas vezes, por cisma, essa «divisão» que tanto o preocupa¹⁴⁶ e que tudo sugere que será provocada por um ou vários «pseudo-pontífices»¹⁴⁷. De um deles – o principal – fala o Beato Amadeu «no principio do 4º Rapto» – «veniet post illum Bos cornupeta et Taurus novus, Simon Magus qui constituet...» – que durará «breve tempo»¹⁴⁸. Mas, então, o «Pastor novus» terá que deixar Roma¹⁴⁹ e, como se pode interpretar o que se lê no fim do 8º *Raptus* da *Apocalypis Nova* – «neque in provincia neque in regnis sibi propinquis, spes vobis est ponenda» –, há-de refugiar-se «na mais remota e ocidental parte de Europa que é Portugal»¹⁵⁰. Nesses dias e nesse lugar, coroará D. Sebastião «imperador romano» e desde Portugal e por este seu monarca «sera restaurado na sua dignidade» da «cadeira pontifical»¹⁵¹. É o novo dia que chega –

¹⁴⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1298r.

¹⁴¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1244r, 1303v.

¹⁴² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1302r.

¹⁴³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1301r.

¹⁴⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1306r.

¹⁴⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1252r.

¹⁴⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1270r - 1270v; 1318r - 1318v *et passim*.

¹⁴⁷ Roberto RUSCONI, *Il presente e il futuro della Chiesa: unità, scisma e riforma nel profetismo tardo medievale in Profeti e profeti alla fine del Medioevo*, cd. cit., 125 - 140, aborda as tradições desta obsção de D. João de Castro..

¹⁴⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 995v - 996r, 1017r - 1022v, 1024v, 1227v - 1228r.

¹⁴⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1142 r, 1307r.

¹⁵⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1142r - 1142v, 1307r.

¹⁵¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1024v, 1095r, 1307r.

essa aurora que dá o título à obra¹⁵² – e, então, pode começar a realizar-se a «nova Jerusalem» que, como já sabemos, para D. João de Castro, tal como para Amadeu, será Roma¹⁵³. E se nestes «felicíssimos tempos», neste «tempo no qual o Senhor hade fazer maravilhas» – expressão que toma do 3º *Raptus*¹⁵⁴ –, hão-de ver-se essa *reformatio* e essa *renovatio* espirituais, traduzidas na união das Igrejas, na conversão universal, na redução e unificação das ordens religiosas, etc., noutra plano – temporal, mas, naturalmente, não independente deste –, há-de assistir-se à união das Espanhas – questão que se trata na *De eversione Europae* de A. Torquato, e «com muito differente authoridade, em o Beato Amadeu» no 8º *Raptus*¹⁵⁵ – e, ponto prévio, à reentrada de D. Sebastião no seu reino e, conseqüentemente, à expulsão do rei de Castela¹⁵⁶. Não nos interesse aqui demorar na análise que, modificando-lhes a primitiva orientação nacional política – prática bem conhecida¹⁵⁷ –, D. João de Castro faz das passagens da *Apocalypsis Nova* acerca dos florentinos (4º e 8º *Raptus* e 9º sermão) para provar que tais promessas não dizem respeito às gentes de Florença, mas, sim, aos portugueses¹⁵⁸. Terá, contudo, interesse lembrar com quanta alegria D. João de Castro leu que esse «Rex magnus» profetizado por Amadeu para companheiro do «Magnus Pastor» – o «cum magno pastore surget rex magnus» do

¹⁵² João Carlos SERAFIM, *D. João de Castro (1550? – 1628?) - um «resistente» que se tornou profeta* in *Via Spiritus*, 6 (1999), 121 – 140 aponta muito bem o enquadramento do título da obra.

¹⁵³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1302v - 1303v em que transcreve uma clássica passagem do 8º *Raptus*.

¹⁵⁴ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1301r.

¹⁵⁵ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1350r - 1350v.

¹⁵⁶ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1307v - 1308r, 1326r. Será, porém, de notar que, mais tarde e noutra contexto - não, contudo, independente daquele em que escrevia D. João de Castro –, ao Conde-Duque de Olivares dedicou Francisco Ximénez Santiago as suas *Victorias y triumphos contra Portugal, por Castilla mediante Christo sacramentado. De el tirano y reveliön y sedicioso alçamiento de la alevosia portuguesa - al fin del año de 40 y su pertinaz reveldia. Por el rey mas soberano del Orbe, monarcha singular de los mundos, emperador de America, Philipe III el Grande. Profetizados por uno y outro profeta David Ps. 19 y Abdias en toda su Profecía*, Eciija, Luis Estupiñan, 1642.

¹⁵⁷ Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Études sur Jean de Roquetaillade (de Rupescissa)*, ed. cit., 75 - 240 (198); Alain MILHOU, *La chauve-souris, le nouveau David et le roi caché (trois images de l'empereur des derniers temps dans le monde ibérique: XIII.e XVII.e s.)* in *Melanges Casa Velázquez*, XVIII (1982), 61 - 78 (64).

¹⁵⁸ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1385r: «Nam he minha intençam (de que tomo a Deos por testemunha) pretender de tirar aos Florentinos o seu, por inveja ou odio do que por elles veyo a El Rey Nosso Senhor [a prisão do «rei D. Sebastião de Veneza» em Florença]; e dallo aos Portugueses por affeição propria, applicandolhes o alheo, e o que nam he revelado por elles. Mas considerando eu por muytos dias as cousas revelladas de baixo do nome Florentinos, mam achei que ellas podessem dalgũa maneira convir aos taes neste tempo, em que he necessario que se cumpram. E doutra parte vi convirem com suavissima conformidade a elle Senhor Rey, e aos Portugueses...».

8º *Raptus* –, «sine victoria redibit, vixque aufugiet. A quo ductus, ab eo seductus. Curabit vindictam, nec facere poterit. Surget a carceribus rex» (4º *Raptus*)¹⁵⁹, circunstâncias que, conforme comentou ao longo dos dois capítulos finais de *Aurora*, se aplicavam não a qualquer rei ou próceres florentinos, mas a esse D. Sebastião aparecido – Veneza, 1598 – e sempre bem vindo, mas, por então preso nas galés de Espanha... Depois de tudo, nada custa a perceber que este «santissimo papa está prometido a El Rey Dom Sebastião pera seu companheiro no espirital e o dito Rey ao mesmo Pontífice por seu companheiro no temporal, sendo ambos de dous as duas supremas cabeças da Christandade, e pello consequente, ambos contemporâneos»¹⁶⁰ e, curiosamente, partilhando circunstâncias biográficas parecidas - ambos são, como se diz na *Apocalypsis Nova* (4º *Raptus*)¹⁶¹ acerca do «Pastor futurus» – já aparecidos, mas não reconhecidos..., pobres... e esperando esse dia iminente em que hão-de deixar de ser «encobertos» – um por ser «Bem eleito» e o outro por, finalmente, ser «Bemvindo». E não deixa de ser curioso que D. João de Castro anote não só «os immensos juizos de Deos em annunciar as summas bemaventuranças temporaes por Bandarra portuguez, o qual profetizou mais que nenhum outro, assi dellas como del Rey D. Sebastiam sua cabeça, e as summas espirituas do mesmo tempo revelou pello Santo Varam Frey Amadeu, outro portuguez, o qual tambem passou todos os mais nas revellaçoens do Papa Angelico, cabeça no espirital e dos divinissimos e innumerabilissimos segredos de nossa santissima crença, per o dito Pontífice repartir pello mundo»¹⁶², mas também que, como um Salviati, um Galatino ou um Postel, dê «infinitas graças ao Senhor, que sem nenhuns merecimentos meus, antes com grandissimos desmeritos, me prefinio e ordenou pera a aperiçam e publicaçam do dito Livro, metendome no numero dos que escolheo pera isso. E pode ser que me dê o primeiro lugar, se este meu trabalho sair primeiro à luz, assi como he o primeiro nestes tempos pello glorioso Pastor»¹⁶³. Certezas e esperança que expressa depois de citar e comentar brevemente largas passagens do 8º *Raptus* e do último sermão em que o arcanjo Gabriel refere precisamente a glória que advirá aos que «fuerint praefiniti et ordinati ad ministerium operiendi» [librum]. Ao parecer, também pensava o fidalgo português que era ele a quem coube, definitivamente, «abrir» o livro, porque, «verdadeiramente» – entendamos, correctamente – o interpretava.

¹⁵⁹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1388r, 1389v.

¹⁶⁰ João de CASTRO, *A Aurora...*, s/nº, pois trata-se de páginas acrescentadas (provavelmente depois da obra estar copiada em limpo) localizadas entre os fl. 1098v - 1099v.

¹⁶¹ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1226r - 1226v.

¹⁶² João de CASTRO, *A Aurora...*, 1216r. Conf. 1351v.

¹⁶³ João de CASTRO, *A Aurora...*, 1249v.

D. João de Castro, ainda que muito menos extensamente, volta a utilizar a autoridade e as revelações do livro atribuído ao Beato Amadeu quer em *Novas Flores sobre a Paraphrase do Bandarra com algumas retratações do author* quer em *Segundas Expozições mais amplas e com outras declarações sobre o Apocalypse* (Paris, 1612)¹⁶⁴, obras suas que, igualmente inéditas, se conservam na B.N. Lisboa (ms. n.º 4377 e 4378, respectivamente). Cremos que, sem grande violência, essas *Segundas Expozições... sobre o Apocalypse* poderão dizer-se, como, aliás, já sugerimos, o melhor comentário em português, *sub signo* Joaquim, a esse livro bíblico, não só pela abundância dos textos joaquimitas citados, mas, sobretudo, pela precisa compreensão que revela do sistema exegético do abade de Flora.

O mito do «Pastor novus» não vai muito além da função de suporte de uma série de esperanças – de que sublinhamos algumas – acerca da *reformatio* e da *renovatio* – da Igreja e, conseqüentemente, do mundo. Na *Apocalypis Nova*, esse «Pastor futurus» a quem serão cometidas a proclamação e a realização dessas esperanças, é, como quase sempre, embora mais discretamente, apoiado por esse «rex magnus» que também há-de surgir. Por isso, significativamente, como já aludimos, D. João de Castro, espreitando essas esperanças em velhos textos proféticos e em outros mais recentes, intitulou o seu vasto trabalho de *A Aurora...*, esse alvorecer de um novo e final tempo de felicidades, de sincera conversão, de união e concordia em que colaboraria, com protagonismo universal, esse rei português desaparecido no norte de África, mas vivo e «novamente» re-aparecido.. Uma causa nacional a que dedicou toda a sua vida de pobre – mas eruditíssimo – exilado¹⁶⁵.

IV- Esta visão política e nacionalista do «Papa Angélico» – embora de carácter espiritualizante – está, aparentemente, pelo menos, ausente da antologia de textos reunidos em *Notabilia dessumpta ex libro revelationum Beati Amadei de Menezes lusitani in civitate Milani*¹⁶⁶... que hoje se guarda, juntamente com uma vasta colecção de profecias, maioritariamente em verso, conhecida por *Jardim Ameno*, *Monarchia Lusitana*, *Imperio de Christo*¹⁶⁷... (Cod. 774) no Arquivo Nacional da

¹⁶⁴ João de CASTRO, *Segundas Expozições...*, l. 21r, 109r, 255v, 280r.

¹⁶⁵ Mestre João Carlos Serafim na sua dissertação de Doutoramento oferecerá, como capítulo da introdução à sua edição de *A Aurora*, uma biografia de D. João de Castro.

¹⁶⁶ Título completo: *Notabilia dessumpta ex libro revelatio / nü Beati Amadei de menezes lusita / ni in Civitate Milana. Cujus titulus ita manu scriptum est. In Conventu S. Francisci de la Pax. // Iesus Mariae Filius / Salvator hominum Apocalypsis / nova sensum habens apertum et ea quae in antiqua Apolxalipsi erāt / intus hic ponuntur foris. / hoc est, quae erant abscō / dita Sunt / manifesta.*

¹⁶⁷ Título completo: *Jardim Ameno, Monarquia Lusitana, Imperio de Christo, Profecias, Revelações, Vaticínios, Prognosticos, e Revelações de muitos Santos, e Santas, Religiosos, e Servos de*

Torre do Tombo (Lisboa). Colocados na sequência dessa coleção profética que em 1759 se encontrava, como dissemos, no colégio da Companhia de Jesus de Gouveia, os *Notabilia* ostentam, desde 1760, uma foliação que continua a do *Jardim Ameno* propriamente dito e, tal como a deste, igualmente rubricada pelos inventariadores dos bens da extinta Companhia. Pelo seu tipo de letra – semelhante, ainda que mais cuidada, à das profecias – poderiam ser (se as datas declaradas são autênticas) contemporâneos da coleção, isto é, serem anteriores a 1635 – ainda que esta contenha papéis mais tardios – e serem obra do mesmo colecionador ou de um dos primeiros colecionadores. No entanto, havemos de confessar que, hoje por hoje, poderão oferecer-se algumas dúvidas acerca da colocação desses 15 folios depois dessa coleção de profecias de nítido recorte sebástico, já que os *Notabilia* não participam desse carácter. Com efeito, o antologiadador não parece ter-se interessado pelas referências político-geográficas da *Apocalypsis Nova* e nenhuma das passagens referentes ao «rex magnus» mereceu a atenção do seleccionador. E se copiou as que vêm expostas no começo do 4º *Raptus* sobre os florentinos, os aragoneses, os genoveses, os franceses, etc., parece tê-lo feito apenas, porque dizem imediatamente respeito ao tempo do «Pastor novus». Terão os *Notabilia* sempre constituído parte integrante do *Jardim Ameno*? Ou foram-lhe anexados pelos inventariadores, porque no momento do inventário estavam junto dessa coleção?

Dos oito raptos da obra atribuída ao Beato Amadeu, apenas se seleccionaram passagens do 2º, 3º, 4º e 5º *Raptus* e destes interessaram-lhe de sobremaneira o 4º e 5º, procurando manter, através de resumos em português, a sequência e o sentido da exposição. E se do 2º *Raptus* se apresenta um pequeno extraxto sobre a criação das primeiras almas e dos primeiros anjos, dos outros aproveitou-se, sobretudo, o que diz respeito às questões do pecado original e, quase consequentemente, às questões mariológicas – a Imaculada Conceição..., a Anunciação..., o parto da Virgem..., a Assunção... – que o «Pastor novus» deverá explicitar doutrinalmente, proclamar e solenizar liturgicamente -, donde, naturalmente, o interesse manifestado por tudo o que nesses primeiros cinco raptos vem revelado sobre esse futuro papa. Interessou-se igualmente o seleccionador por tudo o que diz respeito ao encontro de Menino com os doutores no Templo..., à morte de S. José..., ao nascimento do Baptista..., à infância do Bom Ladrão, etc..

Deos, Varões Illustres, e Astrologos eminentissimos, que alumados pelo Divino Espirito, escreverão sobre a duração do Reino de Portugal a Deo dato, com sublimação à dignidade Imperial no Encuberto das Hespanhas, e Monarquia Universal a ultima do Mundo. Incorporadas, e illustradas pelo Licenciado Pedranes de Alvelos, natural da vila de Abiul, Lente de Filosofia na Universidade de Coimbra em ordem intellectiva. Anno de 1635. // Dedicante ao Monarca Lusitano. Mandarãose trasladar do seu Original na Quinta de Viçosa sita na Ribeira de Barcarena em 20. De Março de 1636. Annos.

Creemos que o exposto permite aceitar que esses *Notabilia* da *Apocalypsis Nova* constituem uma espécie de antologia dos principais temas teológicos e devotos – especialmente, de carácter mariano – de que há outros exemplos na sua época. Referimo-nos concretamente ao já referido trabalho de Fr. Pedro de Alva y Astorga (1648) em que se faz uma semelhante selecção de textos mariológicos.

Dos textos latinos seleccionados foram feitas duas traduções que seguem imediatamente os *Notabilia* em latim – uma primeira, incompleta, pois só se traduzem integralmente os textos dos *Notabilia* dos três primeiros raptos e uma parte substancial dos do quarto – e uma segunda que traduz integralmente todos os textos seleccionados dos cinco raptos. As duas traduções divergem ligeiramente quer na versão de alguns pormenores quer em giros estilísticos, não sendo fácil determinar se ambas, em fases diferentes, serão trabalho de um mesmo autor. A mais completa apresenta-se numa cópia caligráficamente muito mais cuidada, mas, aparentemente pelo menos, não são da mesma letra do seleccionador dos textos originais.

É no entanto possível sugerir que o autor dos *Notabilia* se serviu de um ms. muito interessante, pois, por alguns pormenores – a sequência de algumas passagens no texto original, por exemplo –, parece derivar de um ms. da família do que também se terá servido Paulo Ângelo para a sua tradução em 1524¹⁶⁸.

Como já se terá deduzido, sobre o autor da selecção e da tradução – ou das traduções – nada sabemos, mas poderíamos interrogar-nos se o facto de se terem seleccionado as promessas sobre a protecção e dilatação da ordem de Santa Brígida pelo «Papa Angélico» – «cuis ordinem Pastor venturus dilatabit...» (5º *Raptus*) – não poderá relacionar-se com o desejo de desenvolver a implantação da ordem brigítina em Portugal, já que, por muitas razões, essa ordem relativamente jovem entre nós – a sua primeira casa havia-se fundado, em Lisboa, por freiras inglesas, em 1594 –, ainda a meados do século XVII, não tinha conseguido fundar mais que uma casa, apesar dos esforços de uma tão notável e nobre visionária como Soror Brígida de Santo António (†1655)¹⁶⁹. Parece, contudo, esta, hoje por hoje, uma hipótese remota, pois nada mais há nessa selecção que a possa suportar.

De todos os modos, por outro lado, sempre poderemos perguntarmos-nos – dando por possível que sejam anteriores a 1635 e, logo, integrassem o *Jardim Ameno* – se os *Notabilia* não deverão ser vistos à luz do movimento devoto de

¹⁶⁸ Efectivamente, a interpolação «*Succedet ovis lunata [...] non dico tibi omnia*» surge no texto do ms. utilizado pelo seleccionador dos *Notabilia* na sequência assinalada por Ana MORISI, “*Apocalypsis Nova*”, *Ricerche...*, 21, n. 42, para este grupo de textos.

¹⁶⁹ Agostinho de SANTA MARIA, OSAD., *Historia da vida admiravel e das acções prodigiosas da veneravel madre Soror Brizida de Santo Antonio*, Lisboa, Antonio Pedrozo Galvão, 1701.

carácter imaculista que, em Portugal, aproveitando as circunstâncias políticas, se orientou, imediatamente após a restauração da independência (1.12.1640), ao reforço e desenvolvimento do culto da Imaculada, traduzido – e é apenas um exemplo –, logo em 8 de Dezembro desse ano, na proclamação, por parte de pregadores franciscanos - eles que sempre lideraram devota e teologicamente o movimento pro-Imaculada Conceição –, da relação entre a devoção do duque de Bragança-rei D. João IV à Imaculada Conceição e a restauração da independência¹⁷⁰ e, *suadentibus francescanis*, por proposta desse novo rei – junto de quem viria a ter algum ascendente Fr. António dos Arcanjos, teólogo escotista tal como, segundo ironizava L. Wadding, deveria ser o arcanjo Gabriel na *Apocalypsis Nova* («angelus beati Amadei fuit scotista»...) ¹⁷¹... –, tenham as cortes de 1645-1646 declarado, a Imaculada por padroeira do Reino¹⁷². O carácter indiscutivelmente mariano dos *Notabilia*, com nítida preferência pelos mistérios da conceição imaculada de Maria, permite sugerir-lo. E mesmo que viessemos a verificar que os *Notabilia* eram posteriores à Restauração, o que fica sugerido não teria por que sofrer grandes correcções, já que, em vez de insinuar o seu contributo para esse movimento devoto que, nacional e oficialmente, se consagrou entre 1640 e 1646, sempre teríamos que os inscrever entre os textos espirituais que, antes e depois, o exaltavam...

É, porém, possível, ainda que com alguma violência – mas, convém não esquecer que nos situamos num domínio ideológico em que a crítica textual que o suporta não vai sem violência –, insinuar que, se os *Notabilia* eram realmente, como os consideraram os inventariadores de 1760, a sequência final do *Jardim Ameno*, o autor (ou autores) dessa vasta colecção profética poderia ter concebido esses extractos da *Apocalypis Nova* como um resumo das linhas principais do programa de reformas que o «Pastor venturus» deveria levar a cabo com o apoio desse, digámo-lo assim, «rex venturus» prometido na primeira parte do *Jardim Ameno*... E deste modo, com algum matiz importante – a diferença entre um «rex magnus» já aparecido e um «rex venturus», por exemplo – voltaríamos a encontrar-nos com esse grande leitor de textos proféticos que foi D. João de Castro, que,

¹⁷⁰ Assim procedeu Fr. João de S. BERNARDINO, OFM., no seu *Sermão da Imaculada Conceição Mãe de Deos, feito na Capella real assistindo nella a primeira vez S. Magestade oito dias depois da sua aclamação*, Lisboa, Antonio Alvares, 1641. Tanto quanto sabemos, o melhor conjunto de estudos sobre o assunto é o que, por ocasião do terceiro centenário da proclamação da Imaculada Conceição por padroeira de Portugal, publicou a revista *Brotéria* (XLIII, 1946, 497 - 679).

¹⁷¹ Cesar VASOLI, *Profezia e ragione...*, ed. cit., 88.

¹⁷² Fernando Félix LOPES, *A propósito do culto da Imaculada Conceição em Portugal* in *Colectânea de Estudos*, 1 (1946), 19 - 83.

aliás, como será fácil aceitar, nada mais quis escrever que a «história do futuro». Curiosamente, a mesma que o Padre Vieira... ou quase a mesma, se quisermos ser mais prudentes. Serão as diferenças significativas? É o que será necessário investigar... E, talvez, a investigação possa, como costuma, trazer algumas surpresas...

V – É possível que, depois do que fica evocado, especialmente através dos dois exemplos maiores dos diferentes aproveitamentos da *Apocalypsis Nova* – um directamente relacionado com o Sebastianismo nas suas origens, outro, muito possivelmente, ultrapassando-o pela sua dimensão devocional e teológica –, seja legítimo acreditar que o profetismo em Portugal nos séculos XVI e XVII (pelo menos) nem sempre é reduzível ao Sebastianismo, e que tem que ser encarado como uma forma cultural que, inclusivamente nessa sua versão sebástica, há que integrar em movimentos culturais europeus seus contemporâneos de velhíssimas origens. Por outro lado, pensamos ter sugerido a importância – e a urgência – de estudar essa literatura profética – vasta, tantas vezes repetitiva e outras tantas oferecendo variantes significativas – que, tal como em outras áreas culturais europeias, atravessa a cultura portuguesa não só horizontalmente, mas também verticalmente e de desenvolver, como capítulo especial, pelas suas amplas implicações, a investigação sobre a presença da obra atribuída ao Beato Amadeu da Silva - a *Apocalypsis Nova* é o maior e mais importante texto profético moderno – nos visionários, políticos, cortesãos, teólogos, pregadores e autores de obras de espiritualidade portugueses dos séculos XVI e XVII. Haveremos sempre que recordar que de Portugal saíram candidatos a «Papa Angélico», o que é outro modo – e não pouco eficaz – de alertar para a difusão do tema e das esperanças de reforma e renovação espiritual que dele, então, entre nós, se alimentavam. Os inquisidores de 1581 parecem tê-lo já percebido e disso medido as possíveis consequências políticas. Por algo, como já tivemos ocasião de assinalar, foram os únicos de toda a Europa a fazê-lo... E, ao parecer, com escassos resultados, mas, seguramente, sem grande glória

José Adriano de Freitas Carvalho

APÊNDICE

I

Prophecias de Sancto Amadeo, que estão na livraria do escorial

Sic erit, inspire sumus quidam Pontifex. Iste erit autor multorum malorum, et bonorum, sed bona et devotiones eius, vincent malitiam eius; in quo tempore novus Rex, Qui de multis regnis faciet unum.

Quer dizer.

Será elegido, e feito, não se esperando, hum Papa, este será Autor de muitos males, e bens; mas os bens, e suas devações vencerão sua malicia, e no qual tempo se levantará hum Rey novo, que de muitos reynos fará hum.

2 Rex lilium, ut fulgor transibit; corruet novum Aragonum Regnum.

Quer dizer.

Rey das flores paçará como hum rayo, e tremerá, e cayrá o novo Reyno de Aragão.

3 Anglia in magna angustia posita est; laedi potest, sed laedetur in se ipsa.

Quer dizer.

Inglaterra posta em grande angustia, pode fenecer-se, e acabarse, mas entre sy se acabará.

4 Escotia tremula, fieret pacem, non in corde, sed in labis, donec veniant tempora felitia.

Quer dizer.

Escossia, que está tremendo, amedrontada, fara paz, mas não em seu coraçam, senão em palavras, até que cheguem os tempos felizes.

Fim

Jardim Ameno. Monarquia Lusitana, Imperio de Christo, Profecias, Revelações..., ANTT (Lisboa), cod. 774, fl. 16r - 16v.

II

Prophetia de Santo Amadeo

Jesus Maria Filius Salvator Hominum.

Apocalypsis Nova sensum habens apertum et ea quae in antiqua Apocalypsi erant intus, hic foris ponuntur. Hoc est: quae erant abscondita, sunt hic aperta, et

manifesta. Extracta ex fine libri Apocalypsis Beati Amadei. Hic liber inventus est Mediolani apud socius ejus.

Ascito igitur homo Dei, quod multa orbis loca, antequam venient profecto tempora felicia, purgabuntur flagellis, secundum quod praefinitum est. Imperium Constantinopolis dissolvetur et revelabitur, ac cadet Othomanoraum domus. Verim prius erunt praelia multa inter Gallos calamitate compulsos et inter Iberos, Germanos, caeterosque eorum adversarios. Ad extremam vero post ambarum partium ingentes strages concordabuntur et fiet firmissua unio. Venetiarum civitates fame doloris fluctuabitur adeoque coacti veneti per jactum ad custodiam civitatis devolventur. Et nisi Dominus civitatem illam pio oculo respicaret funditus periret. Conservabitur in praeliberatione prius Italia ab alieniis, prudenter se gerent Veneti et amittent atque tandem diu desiderata obtinebunt. Classem etiam magnam praeparabunt ad faciendam cum electo pastore* et regibus conversionem infidelium.

Florentia et simili modo formidare debet*. Ergo si non divinitus protegeretur, solo procul dubio aequaretur; civitas ipsa quippe a Domino diligitur. Multa pia opera patent in ea conspectu Altissimo grata nulla namquem civitas tempore felici ita rebus Christi adhaerebit sicut illa Romana vera Ecclesia armis hostium validis invadetur. Dispergentur Praelati plures expulsi, a bonis privati; et in clero percussio erit. Et ille, Qui Esau benedictionem extorquebit quae in rore coeli et in pinguedine terrae fuit, profugus erit, et deponetur de sede episcopatus sui advenientibus regibus in Italiam quia vox sanguinis clamat contra eum et manus ejus pelanae sunt sanguine cujus temporibus Italia noño jogo onerabitur. Erit namque robustus corpore et ingenio vivax, et quidquid voluerit, dabitur ei, ut satiet appetitum suum mundanus amor, quae est beneditio in pinguedine terrae: Eos distribuet suis a se consanguineis nominatis Qui tamen consanguinei ejus veri non erunt.

Ab Aquilone veniet princeps magnus, fortis valde apparatu et inexpugnabilis debellando urbes et potestates, ante cuius faciem Italiae faedera et vires dissolventur. Dico quod in conversione infidelium, quae cito omnino erit, non est vobis spes ponenda, neque in Pannonia, neque in regnis sibus propinquis*; nam illa admodum* movebuntur aliorum. Nisi moveatur Germania tota, non fiet conversio infidelium conversio, neque Ecclesiae renovatio. Germaniae namque inobedientiae et Principum ejus inertia atque lascivia prolongabit tempora felicia, quo usque videlicet copuletur cum Hybernia* sub uno magno principe a Domino ordinato, cum quo tandem necesse erit ut* Franciae Regnum, et ceteri principatus fidelium post multam hominum caedem, omnino concordentur* Et tunc omnes ad jussionem Caelesti Pastoris ad infidelium conversionem unanimiter accingentur. Et post haec paciabitur mundus et sic aderunt tempora felicia, et Romam totam orbem terrarum iterum pacifice possidebit. Oportet, serve Dei, implere* quod dico.

* à margem: *debere.*

* à margem: *propriis.*

* à margem: *ad modum.*

* à margem: *Forte Hiberia.*

* à margem: *et.*

* à margem: *concordetur.*

* à margem: *implere.*

B.P. M. P. (Porto) cod. 359, fls. 827 - 829.